

## EXPEDIENTE

A Cartilha nº 14 - **A política externa dos Estados Unidos – da Segunda Guerra Mundial a 2002** - é uma publicação do Movimento Consulta Popular

*Secretaria Operativa:*

Rua Vicente Prado, 134  
01321-020 São Paulo - SP

*Télex:* (11) 3242-6644

*Correio eletrônico:* [consultapopular@uol.com.br](mailto:consultapopular@uol.com.br)

Tradução: Paulo Alves de Lima Filho, professor de economia na Unesp.

1ª edição - fevereiro 2005

**A POLÍTICA EXTERNA DOS  
– DA SEGUNDA GUERRA M**

## SUMÁRIO

Apresentação .....	03
Sobre o autor .....	05
<b>I - Os principais objetivos .....</b>	<b>07</b>
1. A proteção dos nossos territórios .....	07
2. O extremo-liberal .....	09
3. A "grande área" .....	12
4. A restauração da ordem tradicional .....	14
5. Nosso compromisso com a democracia .....	20
6. A ameaça do bom exemplo .....	23
7. O mundo trilateral .....	27
<b>II - Nossa política para a América Latina .....</b>	<b>31</b>
1. A crucificação de El Salvador .....	36
2. Ensinando uma lição à Nicarágua .....	44
3. Fazendo da Guatemala um campo de extermínio .....	51
4. A invasão do Panamá .....	55
<b>III - Nossa política para o Oriente Médio .....</b>	<b>63</b>
1. Vacinando o Sudoeste Asiático .....	63
2. a guerra do Golfo .....	67
3. A cobertura Irã-Contras .....	76
4. as perspectivas para a Europa Oriental .....	78
5. Conclusão: o bandido de aluguel do mundo .....	81
<b>IV - Lavagem cerebral interna "para a população dos Estados Unidos" .....</b>	<b>87</b>
1. Como funcionava a guerra fria .....	87
2. A guerra contra (certas) drogas .....	92
3. Guerra é paz. Liberdade é escravidão. Ignorância é força .....	97
4. A mídia .....	101
<b>V. O futuro .....</b>	<b>105</b>
1. As coisas mudaram .....	105
2. O que se pode fazer .....	107
<b>VI - A luta continua .....</b>	<b>110</b>

## APRESENTAÇÃO

Estimados companheiros e

Estamos apresentando em português um texto muito interessante escrito pelo professor Noam Chomsky sobre a política externa dos Estados Unidos. Não precisa dispensar comentários. Todos conhecem o nome das mais brilhantes inteligências da atualidade. O professor renomado da universidade de Massachusetts, tem dedicado muito tempo a analisar e denunciar a política externa dos Estados americanos. Que age sempre em nome dos interesses econômicos das corporações, seja financeiras, do petróleo, das multinacionais industrial-militar. O professor faz muitas palestras, de como essa política externa prejudica o próprio povo dos Estados Unidos.

Escrito com sabedoria e sem rebusqueios acadêmicos, o texto se transforma em leitura obrigatória para a sociedade brasileira, para compreender a política do governo dos Estados Unidos.

---

tação as 500 empresas corporações transnacionais que ele representa.

Numa conjuntura internacional em que o império americano se transformou na principal força hegemônica e que se julga o dono do mundo, mais do que nunca é necessário entender os detalhes de sua política, e como tem construído ao longo dessas últimas décadas, em especial depois da Segunda Guerra Mundial, e depois que impuseram ao mundo o dólar, como moeda universal.

Façam bom proveito, e divulguem para outros militantes

---

Coletivo nacional  
da Consulta Popular

## SOBRE O AUTOR

Noam Chomsky importantes na Linguística Filadélfia, em 1928, lecionou no Instituto Tecnológico de Massachusetts e tornou-se professor catedrático aos 32 anos.

Além de seu trabalho acadêmico, escreve livros sobre temas políticos e suas palestras têm despertado a atenção em todo o país e pelo mundo afora.

Num mundo mais preocupado com os esforços para promover a democracia, ganhou o direito ao Prêmio Nobel de Literatura, atribuindo-o a pessoas como ele.

Se você está acostumado a ler jornais, os Estados Unidos são os defensores da democracia, certamente a leitura deste livro é obrigatória. Mas Chomsky é um erudito e suas ideias descritas sejam conhecidas, a conclusão é sustentada por muitos documentos (veja nas páginas seguintes e algumas delas).

---

Foi muito difícil compilar o vasto espectro do pensamento social de Chomsky num livro tão pequeno. Você encontrará, na página 139, uma lista de outros livros políticos do autor, que se referem aos temas aqui introduzidos e com detalhes mais abrangentes.

*Arthur Naiman,  
Sandy Niemann*

## I - OS PRINCIPAIS OB

### 1. A PROTEÇÃO DO NOSSO TI

A relação entre os E países obviamente remont América, mas como a Segu verdadeiro divisor de águas

Enquanto a guerra p ou a destruição de nossos r Unidos ela propiciava er território jamais foi atacad mais que triplicou.

Mesmo antes da gu eram de longe o principa como o eram desde a virac

Mas, nesse moment 50% da riqueza mundial e dos dois oceanos. Nunca h em que uma nação tenha segurança do mundo tão

Aqueles que determin sabiam muito bem que os Segunda Guerra como a história, tanto assim que, d planejavam, cuidadosamente pós-guerra. Como esta é un ler os planos deles, muito cl

Os estrategistas no ligados ao Departamento d

de Relações Exteriores (um dos grandes canais pelos quais líderes empresariais influenciam a política externa) – concordaram que o domínio dos Estados Unidos tinha de ser mantido. Mas havia uma divergência de opinião sobre como fazer isso.

Na extrema linha dura, temos documentos como o Memorando 68 do Conselho de Segurança Nacional (de 1950). O CSN 68 desenvolveu as opiniões do secretário de Estado Dean Acheson e foi escrito por Paul Nitze, que ainda anda por aí (ele foi um dos negociadores do controle de armamentos de Ronald Reagan). O CSN 68 propunha uma “estratégia de empurrar para trás”, que “fomentaria as sementes da destruição dentro do sistema soviético, para que pudéssemos então negociar um pacto, em nossos termos, com a União Soviética” (um Estado ou Estados sucessores).

As políticas recomendadas pelo CSN 68 exigiriam sacrifícios e disciplina nos Estados Unidos em outras palavras, gigantescos gastos militares e cortes nos serviços sociais. Seria necessário também superar o excesso de tolerância que permite demasiada dissidência interna.

Essas políticas já estavam, de fato, sendo implementadas desde 1949, quando a espionagem dos EUA na Europa Oriental foi transferida para uma rede liderada por Reinhard Gehlen, que já havia dirigido a inteligência militar nazista na Frente Leste da guerra. Essa rede era parte da aliança EUA-nazistas, que absorveu rapidamente muitos dos piores criminosos de guerra e estendeu suas operações para a América Latina e para outras partes do mundo.

Essas operações inteiramente patrocinadas pela aliança encarecia de fornecer a a exércitos que tinham sido no início da década de 19 na União Soviética e no conhecido nos Estados insignificante, embora pu viradas de mesas se descol a União Soviética envi exércitos comandados operando nas Montanhas

## 2. O EXTREMO-LIBERAL

O CSN 68 é a extre políticas não eram somen estavam realmente send vejamos o outro extremo pombos”, onde o princip George Kennan, que dirig do Departamento de Es .substituído por Nitze. A Kennan foi responsável p Kennan era um dos m estrategistas dos EUA e personalidades na configu Seus escritos são uma interessante da posição quiser realmente conhece bom para consultar é o Est 23, escrito por Kennan pa

do Departamento de Estado, em 1948. Eis aqui um exemplo de seu conteúdo:

*Nós temos cerca de 50% da riqueza mundial, mas somente 6,3% de sua população... Nesta situação, não podemos deixar de ser alvo de inveja e ressentimento. Nossa verdadeira tarefa, na próxima fase, é planejar um padrão de relações que nos permitirá manter esta posição de desigualdade... Para agir assim, teremos de dispensar todo sentimentalismo e devaneio; nossa atenção deve concentrar-se em toda parte, em nossos objetivos nacionais imediatos... Precisamos parar de falar de vãos e... irrealis objetivos, tais como direitos humanos, elevação do padrão de vida e democratização. Não está longe o dia em que teremos de lidar com conceitos de poder direto. Então, quanto menos impedidos formos por slogans idealistas, melhor.*

10 O EPP 23 era, logicamente, um documento altamente secreto. Para pacificar o povo, era necessário difundir “slogans idealistas” (como ainda é constantemente feito), mas aqui os estrategistas estavam falando entre si.

Seguindo essas mesmas linhas, numa reunião de embaixadores americanos na América Latina, em 1950, Kennan observou que a maior preocupação da política externa norte-americana deve ser “a proteção das nossas (isto é, da América Latina) matérias-primas”. Devemos, portanto, combater a perigosa heresia que, segundo informava a Inteligência americana, estava se espalhando pela América Latina: “A idéia de que o governo tem responsabilidade direta pelo bem do povo”.

Os estrategistas americanos de comunismo, seja qual for que a defendem. Elas podem ajudar, baseados na Igreja, o elas apóiam tal heresia, elas

Essa posição é tanto públicos. Por exemplo, um nível declarou, em 1955, q potências comunistas (o ve comunismo na prática) é a r servicial, isto é, o de “cor industriais do Ocidente”.

Kennan seguiu explicitamente utilizar contra os inimigos q

*A resposta final p devemos hesitar diante da ref*

*Isso não é vergon essencialmente traidores... E poder do que um gove*

Tais políticas não co guerra como Kennan. Há Estado de Woodrow Wilson significado prático da D conta que “os Estados próprios interesses. A int americanas é um mero acio o grande apóstolo da aut que o argumento era “i “apolítico” apresentá-lo p

Wilson agiu de acordo com esse pensamento ao invadir, entre outras coisas, o Haiti e a República Dominicana, onde seus soldados assassinaram, destruíram e demoliram o sistema político vigente, deixando as empresas norte-americanas firmemente no controle e preparando, assim, o cenário para ditaduras brutais e corruptas.

### 3. A "GRANDE ÁREA"

Durante a Segunda Guerra Mundial, grupos de estudo do Departamento de Estado e do Conselho de Relações Exteriores desenvolveram planos para o mundo pós-guerra nos termos do que eles determinaram a "Grande Área", para que esta fosse subordinada às necessidades da economia norte americana.

12

Estavam incluídos na "Grande Área" o Hemisfério Ocidental, a Europa Ocidental, o Oriente, o antigo Império Britânico (que estava sendo desmantelado), as incomparáveis fontes de energia do Oriente Médio (que estavam passando então para as mãos americanas ao mesmo tempo em que expulsávamos nossos rivais, França e Inglaterra), o resto do Terceiro Mundo e, se possível, o mundo inteiro. Esses planos foram sendo executados à medida que as oportunidades permitiam.

A cada setor da nova ordem mundial foi designada uma função específica. Os países industrializados seriam guiados pelas "grandes oficinas", Alemanha e Japão, que tinham demonstrado sua proeza na guerra (e agora estavam trabalhando sob a supervisão norte-americana).

Ao Terceiro Mundo caberia a função de fonte de matéria-prima para as sociedades industriais. Um memorando do Departamento de Estado da Era para ser "explorado" (para a reconstrução da Europa) referências foram feitas ao Sudeste Asiático, mas as questões foram colocadas em segundo plano.

Kennan sugeriu até mesmo que receberia assim um estímulo econômico de "exploração" da África. Ele sugeriu que a África explorada seria reconstruída, melhorando talvez a situação econômica. Esses documentos liberados são estudiosos, que parecem estranho ou dissonante em um contexto de guerra.

A Guerra do Vietnã e a necessidade de garantir esse papel de segurança nacionalistas não quiseram que os vietnamitas tivessem de ser esmagados. A guerra era para eles iriam conquistar alguém que lhes daria um exemplo perigoso de como lidar com a guerra que inspiraria outros países a fazerem o mesmo.

O governo dos EUA teve que desempenhar importantes papéis. O primeiro era controlar os distantes domínios da "Grande Área". A postura bastante ameaçadora era que ninguém interferisse nessa ordem. Houve tantas campanhas militares nucleares.

O segundo papel era conseguir subvenções públicas para a indústria de alta tecnologia. Por vários motivos, o método adotado tem sido, em grande parte, a aplicação em gastos militares.

Livre comércio é um bom termo para ser utilizado nos departamentos de economia e em editoriais de jornais, mas ninguém do mundo empresarial, nem do governo, leva a sério esse doutrina. Os setores da economia americana que podem competir internacionalmente são, principalmente, aqueles subvencionados pelo governo: a agricultura intensiva, em termos de capital (a *agroempresa*, como é chamada), a indústria de alta tecnologia, a indústria farmacêutica, a indústria biotecnológica, etc.

O mesmo é válido para outras sociedades industriais. O governo dos EUA faz o povo pagar pela pesquisa e pelo desenvolvimento e proporciona, em grande parte por intermédio dos militares, um mercado garantido para a produção supérflua. Se algo é comerciável, o setor privado encarrega-se dele. O sistema de subsídio público e lucro privado é o que eles chamam de *livre empresa*.

#### 4. A RESTAURAÇÃO DA ORDEM TRADICIONAL

Os estrategistas do mundo pós-guerra, como Kennan, por exemplo, logo perceberam que ia ser imprescindível, para o bem das empresas americanas, que as outras sociedades ocidentais se refizessem dos prejuízos da guerra, para que pudessem importar mercadorias manufaturadas dos EUA, e assim, fornecerem oportunidades de investimentos. (Estou

incluindo aqui o Japão e seguindo a convenção sul-afri- como “brancos honorá- fundamental que essas soc de uma maneira bem espec

A ordem tradiciona restabelecida, com a domi divisão e o enfraquecimen peso da reconstrução sendo ombros da classe trabalh

O principal obstá resistência antifascista. Né mundo inteiro e instalamo das vezes, fascistas e ex- vezes, isso requeria extrem isso era feito por meio de subverter eleições ou econo necessários. (Este deveria s história honesta do perío verdade, isso raramente é

Esse modelo político quando o presidente Roo francês Jean Darlan como África do Norte francesa. D colaboradores nazistas e promulgadas no governo d dos nazistas na França).

Entretanto, muito r primeira área liberada da onde os EUA, seguindo impuseram uma ditadura d

de guerra fascista, o marechal de campo Badoglio, e pelo rei Victor Emmanuel III, que também foi um colaborador fascista.

Os estrategistas norte-americanos reconheceram que a "ameça" na Europa não era a agressão soviética (que analistas sérios como Dwight Eisenhower não previram), mas a resistência antifascista operária e camponesa com seus ideais democráticos radicais, o poder político e a atração dos partidos comunistas locais.

Para evitar um colapso econômico, que aumentaria a influência desses partidos, e para reconstruir as economias capitalistas dos países da Europa Ocidental, os EUA instituíram o Plano Marshall (sob o qual a Europa foi subvencionada em mais de 12 bilhões de dólares, entre 1948 e 1951, com empréstimos e concessões, fundos estes utilizados na compra de um terço das exportações norte americanas para a Europa no auge do ano de 1949.

Na Itália, um movimento de base operária e camponesa, liderado pelo Partido Comunista, havia tomado seis divisões alemãs durante a guerra e libertado o Norte da Itália. Quando as forças norte-americanas avançaram pela Itália, dispersaram essa resistência antifascista e restauraram a estrutura básica do regime fascista anterior à guerra.

A Itália tinha sido uma das principais áreas de subversão da CIA - Central de Inteligência Americana - desde que a agência foi fundada. A CIA estava preocupada que os comunistas ganhassem o poder nas decisivas eleições italianas de 1948. Muitas técnicas foram utilizadas, inclusive a restauração da polícia

fascista, que destruiu sindicatos. Mas, ainda assim, não o Partido Comunista seria derrotado.

O primeiro membro da Comissão de Segurança Nacional (CSN) foi responsável por uma série de ações que os EUA realizaram antes que vencessem as eleições. Uma delas seria a intervenção armada, incluindo operações secretas na Itália.

Algumas pessoas, especialmente os militares, propuseram ação militar direta, mas queria riscos, mas outros acreditavam que poderiam ganhar por meios indiretos, o que se concretizou realmente.

Na Grécia, as tropas nazistas que os nazistas se haviam retirado, mas o regime tão corrupto que os nazistas não poderiam ganhar por meios indiretos. Como a Inglaterra, em 1947, os nazistas foram incapaz de manter o controle, os Estados Unidos entraram, apoiando o regime nazista, resultou em 160.000 mortos.

Foi uma guerra repleta de dezenas de milhares de soldados mortos, chamamos "campos de refugiados" com dezenas de milhares de pessoas sem nenhuma possibilidade de sobrevivência.

A Grécia foi decidida por uma série de investidores americanos, enquanto grande parte da população estava para sobreviver. Os benéficos nazistas, e as pri-

trabalhadores e os camponeses da resistência antinazista, liderada pelos comunistas.

A nossa vitoriosa “defesa” da Grécia contra sua própria população serviu de modelo para a Guerra do Vietnã - como explicou Adlai Stevenson, na ONU, em 1964. Os conselheiros de Reagan usaram exatamente o mesmo modelo, falando sobre a América Central. E o mesmo padrão foi seguido em muitos outros lugares.

No Japão, o governo de Washington iniciou, em 1947, o chamado “caminho inverso”, que reverteu os primeiros passos em direção à democratização empreendida pela administração militar do general MacArthur. O “caminho inverso” reprimiu os sindicatos e outras forças democráticas e colocou o país firmemente nas mãos dos empresários, que haviam apoiado o fascismo japonês - um sistema misto de poder estatal e privado que dura até hoje.

Quando as forças norte-americanas entraram na Coreia, em 1945, dissolveram o governo popular local, composto basicamente de antifascistas, que resistiram aos japoneses. Os EUA inauguraram aí uma repressão brutal, usando a polícia fascista japonesa e coreanos que haviam colaborado com os japoneses durante a ocupação. Cerca de cem mil pessoas foram assassinadas na Coreia do Sul antes daquilo que chamamos Guerra da Coreia. Inclusive, foram mortas entre trinta e quarenta mil pessoas durante repressão a uma revolta camponesa, na pequena região da Ilha de Cheju.

O golpe fascista na Colômbia, inspirado pela Espanha de Franco, trouxe pouco protesto do governo norte-americano. A mesma coisa ocorreu com o golpe

militar na Venezuela e com o golpe de 1973. O general Pinochet foi um admirador do fascismo no Chile. O governo democrático da Alemanha foi inspirado no New Deal de Roosevelt. O atual governo é um amargo antagonismo norte-americano.

Em 1954, a CIA manipulou a revolução e transformou a Guatemala num país dependente desde então, mantém-se assim sob o apoio regular dos EUA, espionagem dos governos Kennedy e Johnson.

Outro aspecto da repressão antifascista foi o recrutamento de criminosos como Klaus Barbie, um oficial nazista chefe da Gestapo em Lyon, na França, com o apelido de “açougueiro de Lyon”, tendo sido responsável por crimes horrendos. A CIA e os EUA encarregou-o da espionagem na América Latina.

Quando Barbie foi finalmente capturado na França, em 1982, para ser julgado pela guerra, seu emprego como agente de espionagem pelo coronel (aposentado) Eugene Daniels da espionagem do Exército americano [Barbie] eram um mal necessário. Muitas operações sendo dirigidas contra o clandestino francês contra a Resistência Francesa. A repressão dos libertadores norte-americanos.

Já que os Estados Unidos não tinham nazistas tinham desistido, fazia falta os especialistas em atividades armadas quando se tornou difícil, ou impossível, obter valioso pessoal na Europa, m

se nos Estados Unidos ou na América Latina, muitas vezes com a ajuda do Vaticano e de padres fascistas.

Lá, eles se tornaram conselheiros militares de governos policiais, apoiados pelos Estados Unidos, inspirados, muitas vezes quase abertamente, no Terceiro Reich. Eles também se tornaram traficantes de drogas, comerciantes de armas, terroristas e educadores - ensinando a camponeses latino americanos técnicas de tortura inventadas pela Gestapo. Alguns alunos nazistas fizeram o dever de casa na América Central, estabelecendo, deste modo, uma ligação direta entre os campos de extermínio e os esquadrões da morte, tudo graças à aliança pós-guerra entre os EUA e os SS.

##### 5. NOSSO COMPROMISSO COM A DEMOCRACIA

20

Com um documento de alto nível atrás do outro, os estrategistas norte-americanos expunham a visão de que a principal ameaça à nova ordem mundial, liderada pelos EUA, era o nacionalismo do Terceiro Mundo - algumas vezes chamado de ultranacionalismo: os "regimes nacionalistas" que atendem às "exigências populares de elevação imediata dos baixos padrões de vida das massas" e produção de bens que satisfaçam às suas necessidades básicas.

As metas básicas dos estrategistas, insistentemente repetidas, eram evitar que os ultranacionalistas tomassem o poder, se por um golpe de sorte eles chegassem ao poder, retirá-los e instalar ali governos que favorecessem os investimentos privados do capital interno e externo, a produção para exportação e o direito de remessa de lucros para fora do país. (Essas

metas nunca foram contidas em documentos secretos. Para um estrategista americano, essas metas praticadas são o ar que ele respira.)

A oposição à democracia nunca é popular no país. Ela não estimula muito as pessoas que formam um pequeno grupo ligado às elites que naturalmente vai lucrar.

Os EUA esperam continuar suas alianças com os militares americanos da América Latina. Os estrategistas de Kennedy não confiavam neles para esmagar quem não queria que saísse do controle.

Os EUA estão dispostos a fazer como na Costa Rica, por onde são eliminados os direitos políticos e preservadas as condições econômicas dos estrangeiros. Devido ao grande respeito sempre respeitado esses direitos, que o deixaram seguir com o desenvolvimento.

Outro problema, que aparece nesses documentos secretos, é o problema da América Latina. Os países estão suficientemente comprometidos com as restrições de viagens e de idéias, restrições de viagens que é tão deficiente que exige proteção.

Essa foi uma das condições do período Kennedy (depois de

mais colocados à disposição do público). Os liberais de Kennedy eram inflexíveis sobre a necessidade de vencer os excessos democráticos que permitem a “subversão”, que para eles, claro, significava pessoas pensando coisas erradas.

Os EUA não primam, no entanto, pela falta de compaixão pelos pobres. Em meados da década de 1950, por exemplo, nosso embaixador na Costa Rica recomendou que a United Fruit Company, que basicamente governava a Costa Rica, apresentasse “uma ligeira e superficial encenação de interesse humano em relação aos trabalhadores, pois isso poderia ter um grande efeito psicológico”. O secretário de Estado John Foster Dulles concordou, dizendo ao presidente Eisenhower que, para manter as massas da América Latina na linha, “há que adulá-las um pouco, para fazê-las pensar que você gosta delas”.

Exposto tudo isso, é fácil entender a política dos EUA para o Terceiro Mundo. Somos radicalmente opostos à democracia se seus resultados não podem ser controlados. O problema com as democracias verdadeiras é que elas podem fazer seus governantes caírem na heresia de responderem às necessidades de sua própria população, em vez das dos investidores norte-americanos.

Um estudo do sistema interamericano, publicado pelo Instituto Real de Assuntos Internacionais, em Londres, concluiu que, enquanto os EUA falsamente louvam a democracia, seu compromisso verdadeiro é com a “empresa capitalista privada”. Quando os direitos dos investidores são ameaçados, a democracia tem de

desaparecer; se esses diretores são assassinos e torturadores são

Governos parlamentares são substituídos com o apoio dos EUA por governos de intervenção direta. No Irã, em 1954 (e em 1963, quando a intervenção militar para evitar a ameaça de uma revolução na República Dominicana, em 1964; no Chile, em 1973, em outros lugares. Nossa política em geral é a mesma em El Salvador como em o

Os métodos não são os mesmos. As forças contra-insurgentes em Nicarágua, ou o que os norte-americanos fazem em El Salvador ou no Vietnã, não fazem em El Salvador ou no Vietnã matança comum, o principal método brutal e sádica, batendo e pendurando mulheres pelos braços e a pele do rosto escarpada, ou cortando a cabeça de pessoas em estacas. A questão é esmagar a oposição e as forças populares e estabelecer a democracia genuína.

## 6. A AMEAÇA DO BOM EXEMPLO

Nenhum país está isento de corrupção. Não importa o quão insignificantes sejam os países mais fracos e mais pobres, maiores histerias.

Veja o Laos dos anos 1970, o país mais pobre do mu

habitantes nem mesmo sabia que tal coisa chamada Laos existia, eles só sabiam que havia uma aldeiazinha aqui e outra acolá mais próxima.

Mas tão logo uma pequena revolução social começou a aparecer ali, Washington submeteu o Laos a um mortífero "bombardeio secreto"\* destruindo virtualmente grandes áreas habitadas, com operações que, como foi admitido depois, nada tinham a ver com a guerra que os EUA estavam travando no Vietnã do Sul.

Granada tem cem mil habitantes, que produz em noz-moscada, e mal pode ser encontrada no mapa. Mas quando Granada iniciou uma incipiente revolução social, Washington imediatamente entrou em ação para destruir a ameaça.

Desde a Revolução Bolchevique de 1917 até a queda dos governos comunistas do Leste Europeu, no final da década de 1980, era possível justificar qualquer ataque norte-americano como defesa contra a ameaça soviética. Então, quando os Estados Unidos invadiram Granada, em 1983, o presidente do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas explicou que, na eventualidade de um ataque soviético na Europa Ocidental, uma Granada hostil poderia proibir o abastecimento de petróleo no Caribe para a Europa Ocidental e, então, não poderíamos defender nossos aliados sitiados. Agora isso parece cômico, mas esse tipo de história ajuda a mobilizar a opinião pública para apoiar a agressão, o terror e a subversão.

\* NT: O autor refere-se aqui logicamente à não-divulgação do fato na mídia local e internacional, à época do acontecimento.

O ataque contra a Nicarágua é uma alegação de que, se não os poderiam ultrapassar a fronteira - apenas dois dias de carro - instruídas, havia outras desculpas certamente mais plausíveis.)

A Nicarágua é tão impopular para o americano que ela poderia ser percebida por ninguém. A mesma coisa aconteceu com Granada. Mas ambos têm sido submetidos pelos Estados Unidos, com milhares de vidas e muitos bilhões de dólares.

Há uma razão para isso. Um país pobre é mais perigoso como alvo do que um país rico. Uma pequena e pobre como Granada é mais perigosa do que uma grande e rica. Uma pequena e pobre, em outro lugar que tenha um grande poder, poderão perguntar: "E nós, por que não?"

Esse foi exatamente o caso de Granada. Ela tem uma costa bastante extensa e tem impopularidade. Embora Eisenhower e seus sucessores tenham se preocupado com o alarde do arroz, do estanho e do petróleo, o medo era que, se o povo da Nicarágua conseguisse a independência e justiça, o povo de Granada poderia fazer o mesmo. E se isso funcionasse, tentariam fazer o mesmo tempo a Indonésia adotaria a mesma atitude. E lá, uma significativa parte da ilha já havia sido perdida.

Se se quer um sistema econômico que atenda às necessidades dos investidores

se pode deixar que partes do sistema se percam. É notável a clareza com que isso é declarado nos arquivos oficiais - às vezes, até nos arquivos públicos. Veja o Chile no governo de Allende. O Chile é um país consideravelmente grande, com muitos recursos naturais, mas, repetindo, os Estados Unidos não desmoronariam se o Chile se tornasse independente. Por que estávamos tão preocupados com esse país? Segundo Kissinger, o Chile era um "vírus" que "infectaria" a região, com reflexos até na Itália.

Apesar dos quarenta anos de subversão da CIA, a Itália ainda tem um movimento trabalhista. Ter um governo social-democrata bem sucedido no Chile equivaleria a enviar mensagens erradas aos eleitores italianos. Suponha que eles tivessem idéias interessantes sobre como obter o controle de seu próprio país e revivessem os movimentos operários, solapados pela CIA na década de 1940.

Os estrategistas norte-americanos, desde a época do secretário de Estado Dean Acheson, no final dos anos 1940, até os dias de hoje, têm advertido que "uma maçã podre pode estragar todo o lote". O perigo é que a "podridão" - o desenvolvimento social e econômico - pode se espalhar.

Essa "teoria da maçã podre" é chamada de teoria do dominó, para consumo público. A versão usada para amedrontar o povo mostra Ho Chi Min tomando uma canoa e chegando à Califórnia, e assim vai. Talvez alguns líderes norte-americanos acreditassem nessa asneira - é possível -, mas os estrategistas racionais

certamente que não. Eles em vez disso temem que a ameaça é o "bom exemplo".

Às vezes, a questão é de clareza. Quando os EUA estavam preocupados com a democracia guatemalteca, o Secretário de Estado declarou que se tornou uma crescente ameaça a Honduras e de El Salvador. Uma arma poderosa de política social de ajuda a camponeses pode resultar na queda das classes dominantes e estrangeiras. Isso tudo tem a ver com as populações vizinhas da América Central que prevalecem condições semelhantes.

Em outras palavras, o "bom exemplo" é a "estabilidade", quer dizer, se as classes dominantes e liberdade para a população. Se isso pode ser obtido com meios formais, OK. Se não, a ameaça é pelo bom exemplo tem de ser evitado. O vírus infecte os outros. É por isso que uma partícula causar tal perigo, ela tem de ser evitada.

## 7. O MUNDO TRILATERAL

Desde o começo da década de 1970, o mundo tem tomado um rumo em direção ao tripolarismo ou trilateralismo. Os blocos econômicos que compõem o mundo são: o bloco é baseado no yen, com as antigas colônias japonesas na

Retrocedendo aos anos 1930 e 1940, o Japão chamou isso de a Grande Esfera da Co-Prosperidade da Ásia Oriental. O conflito com os Estados Unidos nasceu da tentativa de o Japão exercer ali o mesmo tipo de controle que as potências ocidentais exerciam em suas respectivas esferas. Mas após a guerra nós reconstruímos a região para eles. E não tivemos, então, nenhum problema com que o Japão a explorasse - só que agora o Japão teria de explorá-la sob nosso abrangente poder.

Há muitas tolices escritas acerca de como o Japão, de fato, tornou-se um grande competidor, que provam que somos honrados e fortalecemos nossos inimigos. As verdadeiras opções políticas, entretanto, eram mais estreitas. Uma era restaurar o império japonês, mas agora sob nosso total controle (essa foi a política seguida).

28

A outra opção era ficar fora da região e permitir ao Japão e ao resto da Ásia seguirem caminhos independentes, excluídos da "Grande Área" de controle norte-americano. Isso era impensável.

Além disso, depois da Segunda Guerra, o Japão não era considerado como possível concorrente, mesmo num futuro remoto. Especulou-se talvez, a certa altura dos acontecimentos, que o Japão seria capaz de produzir algumas bugigangas, nada mais que isso. (Havia um forte componente de racismo nisso.) O Japão recuperou-se em grande parte por causa da Guerra da Coreia e depois com a Guerra do Vietnã, que estimulou a produção japonesa e trouxe enormes lucros ao Japão.

Alguns estrategistas, logo no início do pós-guerra, foram mais perspicazes, entre eles George Kennan. Ele

propôs que os EUA estivessem interessados em industrializar, mas com limites à importação de petróleo japonês. Isso nos daria-nos-ia "poder de veto", fora da linha. Os EUA se mantiveram mantendo o controle do abastecimento de petróleo. Ainda no início do século, o Japão controlava somente cerca de 10% do abastecimento de petróleo.

Esse é um dos principais motivos pelos quais os EUA têm se interessado tanto no Oriente Médio. Não precisávamos do petróleo dos mesmos; a América do Norte produz a maior produção mundial de petróleo. O que queremos é realmente manter as mãos no controle da produção mundial, e nos assegurar o acesso ao petróleo principalmente para os Estados Unidos e a Inglaterra. É por isso que nos preocupamos com as Filipinas. Elas são parte da estratégia de intervenção apontada para garantir que as forças locais não se tornem "ultranacionalismo".

O segundo maior bloco econômico do mundo baseado na Europa e é dominado pela Alemanha. Está dando um grande passo com o Mercado Comum Europeu, criando uma economia mais forte que a dos Estados Unidos de uma população maior e menos recursos.

Se um dia ela agir conjuntamente com o poder integrado, os EUA serão considerados uma potência de segunda classe. Isso é uma possibilidade real.

Europa dirigida pela Alemanha, tomando a liderança na restauração da Europa Oriental, em seu tradicional papel de colônia econômica, basicamente parte do Terceiro Mundo.

O terceiro bloco é dominado pelos Estados Unidos e baseado no dólar. Foi recentemente ampliado com a inclusão do Canadá, maior parceiro comercial, e logo incluirá o México e outras partes do hemisfério, por meio do "tratado de livre comércio", projetado, em primeiro lugar, para os interesses dos investidores norte-americanos e seus associados.

Nós sempre assumimos que a América Latina nos pertence por direito. Como Henry Stimson (secretário de Guerra, sob FDR e Taft, e secretário de Estado de Hoover) uma vez declarou "nossa regiãozinha, logo ali, que nunca incomodou ninguém". A consolidação do bloco, baseado no dólar, significa que o esforço para frustrar o desenvolvimento independente na América Central e no Caribe vai continuar.

A menos que você entenda nossas lutas contra nossos rivais industriais e o Terceiro Mundo, a política externa norte-americana parece ser uma série de erros ocasionais, inconsistentes e confusos. Na verdade, nossos líderes têm sido mais que bem-sucedidos, dentro dos limites de suas possibilidades, nas tarefas a eles atribuídas.

## II- NOSSA POLÍTICA PA LATINA

Como os preceitos de Kennan foram seguidos? Como de lado a preocupação com o tais como os direitos humanos de vida e a democratização "compromisso com a democracia" outras duas questões?

Vamos focalizar a América olhando para os direitos humanos por Lars Schoultz, um destacado em direitos humanos da América "a ajuda norte-americana tem mente distribuída para os governos que torturam seus cidadãos" quanto o país precisa de disposição em servir à riqueza.

Estudos mais profundos Edward Herman, revelam um todo o mundo entre a tortura e fornecem uma explicação com a melhoria das condições empresariais. Em comparação com morais, assuntos tais como na insignificância.

E a elevação do preço supostamente tratado na Aliança presidente Kennedy, mas o imposto foi direcionado, em

necessidades dos investidores norte-americanos. A Aliança fortificou e ampliou o sistema vigente, pelo qual os latino-americanos produzem colheitas para exportação e reduzem as colheitas de subsistência, como milho e feijão, cultivadas para o consumo local. Com o programa da Aliança, por exemplo, a produção de carne aumentou, enquanto o consumo interno de carne diminuía.

Esse modelo agroexportativo de desenvolvimento, em geral, produz um "milagre econômico" onde o PNB - Produto Nacional Bruto - sobe, enquanto a maioria da população morre de fome. Quando se segue tal orientação política, a oposição popular inevitavelmente aumenta, o que, então, se reprime com terror e tortura.

(O uso do terror é profundamente arraigado em nosso caráter. Nos idos de 1818, John Quincy Adams elogiou a "eficácia salutar" do terror em se tratando das "hordas misturadas de índios e negros sem lei". Ele escreveu isso para justificar a violência de Andrew Jackson, na Flórida, que praticamente exterminou a população nativa e deixou a província espanhola sob o controle americano, impressionando muito Thomas Jefferson e outros mais com sua sabedoria.)

O primeiro passo é o uso da polícia; ela é decisiva porque sabe detectar logo o descontentamento e eliminá-lo antes da "grande cirurgia" (como é chamada nos documentos de planejamento) ser necessária. Se a "grande cirurgia" for necessária, nós contamos com o Exército. Quando não conseguimos mais controlar o Exército dos países da América Latina - particularmente

a região do Caribe e da América Central - tentamos derrubar o governo.

Os países que tentaram derrubar o governo da Guatemala, sob os governos de Arévalo e Arbenz, ou a El Salvador, sob o regime capitalista democrático, foram colocados se alvo da hostilidade e da violência.

O segundo passo é utilizar a força militar. Sempre tentaram estabelecer regimes militares de países estrangeiros para assumir o controle. Assim foram assentados regimes militares no Chile, em 1973,

antes desses golpes, e no Brasil, em 1964. Os governos do Chile e da Índia foram derrubados enviando armas. Mantendo os militares certos e eles derrubados. O mesmo raciocínio motivou o envio de armas para o Irã em 1979 e para o Afeganistão em 1980. De acordo com a história, os militares envolvidos, esses fatos eram previsíveis muito antes de haver reféns.

Durante o governo militar no Brasil, os militares latino-americanos mudaram de "defesa hemisférica" para "defesa interna" (que basicamente é a defesa da própria população). Essa mudança foi feita com "direta cumplicidade [dos Estados Unidos] e métodos dos esquadrões de Himmler", no julgamento

Maechling, que foi encarregado do planejamento de contra-insurgência, de 1961 a 1966.

O governo Kennedy preparou o caminho para o golpe militar no Brasil em 1964, ajudando a derrubar a democracia brasileira, que se estava tornando independente demais. Enquanto os Estados Unidos davam entusiasmado apoio ao golpe, os chefes militares instituíam um estado de segurança nacional de estilo neonazista, com repressão, tortura, etc. Isso provocou uma explosão de acontecimentos semelhantes na Argentina, no Chile e em todo o hemisfério, desde os meados de 1960 até 1980 – um período extremamente sangrento.

(Eu penso, falando do ponto de vista legal, que há um motivo bem sólido para acusar todos os presidentes norte-americanos desde a Segunda Guerra Mundial. Eles todos têm sido verdadeiros criminosos de guerra ou estiveram envolvidos em crimes de guerra.)

Os militares agem de maneira típica para criar um desastre econômico, seguindo freqüentemente receita de conselheiros norte-americanos, e depois decidem entregar os problemas para os civis administrarem. Um controle militar aberto não é mais necessário, pois já existem novas técnicas disponíveis, por exemplo, o controle exercido pelo Fundo Monetário Internacional (o qual, assim como o Banco Mundial, empresta fundos às nações do Terceiro Mundo, a maior parte fornecida em larga escala pelas potências industriais).

Em retribuição aos impõe a “liberalização”: penetração e ao controle profundos cortes nos serviços a maior parte da população, o poder decididamente dominantes e de investibilidade”), além de reforçar sociais do Terceiro Mundo classe dos profissionais bem da enorme massa de miser

A dívida e o caos e militares garantem, de forte FMI serão obedecidas – populares queiram entrar na os militares talvez tenham de

O Brasil é um exemplo Sendo um país muito bem além de ter um alto desenvolvimento ser uma das nações mais ricas em grande parte, ao golpe o “milagre econômico” que se nas torturas, assassinatos “controle da população” brasileiros é, agora, provavel Etiópia – e bem pior que exemplo.

O Ministério da Educação um terço do orçamento alimentação escolar, porque da rede pública ou come na

De acordo com a revista *South* (uma revista de reportagens sobre empresas do Terceiro Mundo), o Brasil tem uma taxa de mortalidade infantil maior que a do Sri Lanka. Um terço da população vive abaixo da linha da miséria e “sete milhões de crianças abandonadas pedem esmola, roubam e cheiram cola nas ruas. E para milhares delas a casa é um barraco na favela... ou cada vez mais um pedaço de terra embaixo da ponte”.

Isso é o Brasil, um dos países de natureza mais rica do planeta.

A situação é semelhante em toda a América Latina. Apenas na América Central o número de pessoas assassinadas pelas forças apoiadas pelos EUA, desde o final de 1970, gira em torno de duzentos mil, ao mesmo tempo que os movimentos populares, que visavam obter a democracia e a reforma social, foram dizimados. Essas façanhas qualificam os Estados Unidos como fonte de “inspiração para o triunfo da democracia em nosso tempo”, nas admiráveis palavras da liberal *Nova República*. Tom Wolfe conta-nos que a década de 1980 foi “um dos grandes momentos de ouro da humanidade, jamais vivido”. Como dizia Stalin: “estamos deslumbrados com tanto sucesso”.

### 1. A CRUCIFICAÇÃO DE EL SALVADOR

Por muitos anos, a repressão, a tortura e o assassinato foram praticados em El Salvador por ditadores instalados e sustentados pelo nosso governo, uma matéria sem nenhum interesse aqui; além disso, a história nunca foi realmente contada. No final da década

de 1970, entretanto, o g...  
começou a preocupar-se co...

Um era o de que Som...  
estava perdendo o controle...  
estavam perdendo a princip...  
de força na região. Um se...  
mais ameaçador. Em El Salv...  
um crescimento das ci...  
populares” – associações...  
sindicatos e movimentos...  
reuniam em torno de grup...  
aumentou a ameaça à dem...

Em fevereiro de 1980...  
Don Oscar Romero, envio...  
Carter em que implorava o...  
para a junta que governav...  
ajuda seria usada para “...  
repressão contra organizaç...  
lutando “pelo respeito por...  
elementares” (é desnecessá...  
seria notícia em Washingto...

Poucas semanas depo...  
assassinado enquanto ce...  
neonazista Roberto D’Au...  
totalmente responsável pel...  
incontáveis atrocidades).

D’Aubuisson foi “líder vital...  
ainda governa El Salvador;...  
como o ex-presidente Alfred...  
um juramento de sangue en...

Dez anos depois, milhares de camponeses e pobres da região urbana participaram de uma missa comemorativa, juntamente com inúmeros bispos estrangeiros, mas os Estados Unidos foram notados pela ausência. A Igreja salvadorenha propôs formalmente a canonização de Romero.

Tudo isso se passou com raras referências no país que subvencionou e treinou os assassinos de Dom Romero. O *The New York Times*, o "jornal testemunha", não publicou nenhum editorial sobre o assassinato quando ele ocorreu, nem nos anos seguintes, e também nenhum editorial ou reportagem foi feita sobre a comemoração.

Em 7 de março de 1980, duas semanas antes do assassinato, foi instituído um estado de sítio em El Salvador, e a guerra contra a população começou com força total (e com o contínuo apoio e envolvimento dos Estados Unidos). O primeiro e principal ataque foi o grande massacre de Rio Sumpul, uma operação militar, coordenada pelos exércitos hondurenhos e salvadorenhos, na qual pelo menos seiscentas pessoas foram massacradas. Crianças foram cortadas em pedaços com facões, mulheres foram torturadas e afogadas. Dias depois, partes dos corpos ainda eram encontradas no rio. Havia observadores da Igreja, de modo que as informações saíam imediatamente, mas os principais meios de comunicação não acharam nada que valesse uma reportagem.

Os camponeses foram as principais vítimas dessa guerra, junto com líderes sindicais, estudantes, padres ou qualquer suspeito de trabalhar pelos interesses do

povo. No último ano do número de mortes chegou a aumentando para cerca de dos reaganistas.

Em outubro de 1980 condenou "a guerra de exte a indefesa população civil", de segurança. Dois meses de por seu "heróico serviço a subversão" pelo "moderados Unidos, José Napoleón presidente civil da junta.

O papel do "moderada fachada para os dirigentes contínua chegada de fundos depois de as forças armadas assassinado quatro freiras a protestos aqui. Trucidar se porém violentar e matar definitivamente um erro de de comunicação de massa história, seguindo a liderança comissão de investigação.

Os recém-chegados longe, tratando de justificar o ministro de Estado Alex das Nações Unidas, Jeanne considerado se valia a pena enquanto anos mais tarde de - e naturalmente seu financ

Os jornais independentes de El Salvador, que poderiam ter informado essas atrocidades, foram destruídos. Embora eles fossem abertamente a favor das empresas, eram ainda indisciplinados demais para o gosto dos militares. O problema foi resolvido entre 1980 e 1981, quando o editor de um desses jornais foi morto pelas forças de segurança e o outro fugiu para o exílio. Como de costume, esses acontecimentos foram considerados muito insignificantes para merecer mais que algumas palavras nos jornais norte-americanos.

Em novembro de 1989, seis padres jesuítas, cozinheira e a filha dela foram assassinados pelo Exército. Naquela mesma semana, pelo menos mais 28 civis salvadorenhos também foram mortos, inclusive a dirigente do principal sindicato, a líder de uma organização universitária, nove membros de uma cooperativa agrária indígena e dez estudantes universitários.

As agências de notícias transmitiram uma reportagem por intermédio do correspondente da AP Douglas Grant Mine, relatando como os soldados entraram num bairro operário, próximo à capital de San Salvador, capturaram seis homens e mais um garoto de 14 anos, por medida de segurança. Em seguida, colocaram todos contra a parede e os fuzilaram. "Eles não eram padres nem defensores dos direitos humanos", escreveu Mine, mas, mesmo assim, essas mortes passaram em grande parte despercebidas, assim como a reportagem de Mine.

Os jesuítas foram assassinados pelo Batalhão Atlacatl, uma unidade de elite controlada pelos Estados Unidos. A unidade foi criada em março de 1981, quando 15 jesuítas foram mortos em uma insurgência, da Escola de Formação Militar norte-americano, foram enviados para o exílio. Desde o início, o Batalhão Atlacatl foi usado para o extermínio em massa. Um trágico testemunho descreveu seus soldados como "brutos e ferozes... Nós sempre tivemos medo de eles capturarem os prisioneiros e cortar suas orelhas".

Em dezembro de 1989, o Batalhão Atlacatl participou de uma operação na qual foram mortos 15 civis, numa verdadeira orgia de violência e assassinatos. Mais tarde, o Batalhão Atlacatl participou em bombardeios de cidades, matando civis por fuzilamento, afogamento e queimaduras. A grande maioria das vítimas eram mulheres e velhos.

O Batalhão Atlacatl é uma unidade de elite das Forças Especiais norte-americanas, criada para matar os jesuítas. Esta tem sido a principal existência do Batalhão. Alguns dos crimes ocorreram justamente quando a presença dos jesuítas chegara dos EUA.

Na "inexperiente" demora, os soldados jovens adolescentes de 13 anos foram enviados em assaltos a favelas e acampamentos. Em seguida, forçados a entrar para o treinamento doutrinado em rituais coletivos.

inclusive com brutalização e estupros, preparando-os assim para os extermínios, que freqüentemente tinham características sexuais e satânicas.

A natureza desse tipo de treino do Exército salvadoreño foi descrita por um desertor, que recebeu asilo no Texas, em 1990. Seu nome foi mantido em sigilo para protegê-lo dos esquadrões da morte salvadoreños, apesar do pedido do Departamento de Estado para que ele fosse enviado de volta a El Salvador.

Segundo esse desertor, os recrutas tinham de matar cachorros e urubus, mordendo-lhes a garganta e torcendo-lhes a cabeça, além de terem de olhar os soldados torturarem e matarem suspeitos dissidentes, arrancando-lhes as unhas, cortando-lhes a cabeça e partes do corpo. Em seguida, brincavam com seus braços para fazer graça.

Em outro caso, um membro confesso de um esquadrão da morte ligado ao Batalhão Atlacatl, César Vielman Joya Martínez, deu detalhes do envolvimento dos conselheiros americanos com o governo salvadoreño nas atividades dos esquadrões da morte. O governo Bush fez todo o possível para que o calassem e o enviassem de volta para uma provável morte em El Salvador, apesar do apelo das organizações de Direitos Humanos e dos pedidos do Congresso para que seu testemunho fosse ouvido (o mesmo tratamento foi dado à principal testemunha do assassinato dos jesuítas).

Os resultados do treinamento militar salvadoreño são descritos no periódico jesuíta *America* por Daniel Santiago, padre católico em missão em El Salvador. Ele conta a história de uma camponesa que,

um dia, ao voltar para casa, viu sua mãe e sua irmã sentadas com as cabeças decapitadas, colocadas na parede de frente aos corpos, com as mãos estendidas "como se estivessem acariando". Como os assassinos da Guardia Nacional tiveram problemas em matar um bebê, pregaram-na, em vez de jogá-la, em um grande balde plástico, e a cabeça foi esteticamente exposta no corredor.

Segundo o reverendo, essas cenas macabras não são raras.

"As pessoas não são capazes de ver os esquadrões da morte em suas cabeças decapitadas e suas cabeças exibidas como parte da paisagem", só destripados pela Polícia Nacional, e suas genitálias são decepadas. As mulheres salvadoreñas não usam a Guarda Nacional, seus vestidos são usados para cobrir o rosto. Não brincar com ossos, enquanto os pais são mortos, e as crianças são arrastadas sobre arames farpados.

O padre Santiago diz que as violências dessa natureza não são apenas que a Igreja começou a fortalecer e grupos de auto-ajuda na população pobre.

De forma geral, não tem sido bem-sucedido. Muitas famílias foram dizimadas, como

Romero. Dezenas de milhares de pessoas foram trucidadas e mais de um milhão de salvadorenhos tornaram-se refugiados. Este foi um dos mais sórdidos episódios da história americana - e tem havido muita concorrência.

## 2. ENSINANDO UMA LIÇÃO À NICARÁGUA

Não apenas El Salvador foi ignorado pelas principais correntes da mídia norte-americana durante a década de 1970. Nos dez anos anteriores à derrubada de Anastasio Somoza, em 1979, a televisão norte-americana - todas as redes - dedicaram exatamente *uma hora* à Nicarágua, inteiramente relacionada ao terremoto de Manágua, em 1972.

De 1960 a 1978, o *The New York Times* publicou três editoriais sobre a Nicarágua. Não porque nada estivesse acontecendo ali, mas sim porque qualquer coisa que lá estivesse acontecendo não seria digna de registro. A Nicarágua não foi motivo de preocupação enquanto o regime tirânico de Somoza não foi desafiado.

Quando seu regime foi *desafiado* pelos sandinistas, no final dos anos 1970, os EUA tentaram instituir o chamado "Somozismo sem Somoza", isto é, todo o sistema corrupto seria mantido intacto, mas com outra pessoa na liderança. Como isso não funcionou, o então presidente Carter tentou manter a Guarda Nacional de Somoza como uma base para a potência norte-americana.

A Guarda Nacional sempre foi notadamente brutal e sádica. Em junho de 1979, levou a cabo uma série maciça de atrocidades na guerra contra os

sandinistas, bombardeando Manágua, matando dezenas. Nessas alturas, o embaixador mandou um telegrama à Casa Branca dizendo para não mandar a Guarda Nacional porque isso poderia interferir na Guarda no poder e deixar o

Nosso embaixador na América Central (OEA) também sugeriu "Somozismo sem Somoza" prontamente a sugestão. Por isso, ele voou para Miami com o embaixador da Guarda Nacional, e a Guarda desm

O governo Carter tentou tirar a Guarda para fora do país em favor da Guarda Vermelha (um crime de guerra cometido na nas fronteiras da Nicarágua com a Argentina como uma intenção). A Argentina estava sob o domínio dos neonazistas, que deram um assassinato de sua própria Guarda logo após o restabelecer a Guarda logo após o "guerreiros da liberdade".)

Reagan utilizou-os como uma força terrorista em grande escala combinada com uma guerra aérea mais letal. Ainda intimidados, eles não enviassem ajuda tam

Mesmo assim, apesar da ajuda militar, os EUA não tinham força militar viável na N

notável, analisando bem. Nenhuma guerrilha no mundo obteve tantos recursos, mesmo remotamente, quanto os contras obtiveram dos EUA. Provavelmente poderia se iniciar uma insurgência guerrilheira, na regiões montanhosas dos Estados Unidos, com tais recursos.

Por que os EUA foram tão longe na Nicarágua? A organização de desenvolvimento internacional a Oxfam - explicou os motivos verdadeiros ao declarar que em sua experiência de 76 anos em países em desenvolvimento "a Nicarágua foi... excepcional no esforço e no firme compromisso daquele governo... em melhorar as condições de vida do povo e em estimular sua participação ativa no processo de desenvolvimento".

46 Dos quatro países centro-americanos onde a Oxfam teve presença significativa (El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua), somente na Nicarágua houve um real e substancial esforço em resolver as injustiças da posse da terra e em estender os serviços médicos, educacionais e agrícolas às famílias de camponeses pobres.

Outras organizações contaram histórias semelhantes. No início da década de 1980, o Banco Mundial considerou "alguns setores da Nicarágua extraordinariamente mais bem-sucedidos que qualquer outra parte do mundo". Em 1983, o Banco Interamericano de Desenvolvimento concluiu que "a Nicarágua fazia notáveis progressos no setor social e estava lançando bases para um desenvolvimento socioeconômico a longo prazo".

O sucesso das reformas, então, os estrategistas raram, que, "pela primeira vez, a que se interessava pelo po Figueres, o pai da democr Figueres tenha sido o pri América Central durante q observações sobre o munc censuradas pela mídia no

O ódio provocado tentarem dirigir recursos sucedidos nisso) foi realme Praticamente todos os est compartilharam desse óc frenesi.

Nos idos de 1981, Estado alardeou que n Nicarágua na Albânia c pobre, isolada e politican sonho sandinista de criar para a América Latina se

George Shultz ch câncer, bem aqui em no destruído. Na outra pont do Senado, o liberal Al não fosse possível destru de deixá-los "apodrecer

Então, os Estado ataque contra a Nicarág extrema pressão para p Banco Interamericano

suspenderem todos os projetos de assistência ao país. Segundo, lançaram a guerra dos contras juntamente com uma guerra econômica ilegal para acabar com o que a Oxfam corretamente chamou de "a ameaça de um bom exemplo".

Os terríveis ataques terroristas dos contras, sob ordens dos EUA, em direção aos "alvos leves" contribuíram, juntamente com o boicote econômico, para o fim de toda e qualquer esperança de desenvolvimento econômico e reforma social. O terror norte-americano assegurou que a Nicarágua não desmobilizasse seu exército e enviasse seus poucos e limitados recursos para a reconstrução das ruínas, que foram deixadas pelos ditadores apoiados pelos EUA e pelos crimes dos reaganistas.

48 Uma das mais respeitáveis correspondentes da América Central, Julia Preston, escreveu (trabalhando na época para o Boston Globe) que "autoridades do governo afirmaram estar contentes em ver os contras debilitarem os sandinistas, forçando-os a desviar seus escassos recursos para a guerra e afastando-os, assim, dos programas sociais. Aquilo era fundamental, já que os programas sociais eram o coração de um bom exemplo que poderia contaminar outros países da região e corroer o sistema americano de roubo e exploração.

Recusamo-nos, até mesmo, a prestar ajuda na hora da catástrofe. Em 1972, após um terremoto, os EUA enviaram uma considerável soma de recursos em auxílio à Nicarágua, sendo que a maior parte desses recursos foi roubada por nosso amigo Somoza. Entretanto, em 1988, quando um desastre natural - o

furacão Joan - abalou a Nicarágua, recusamos sequer um centavo, porque este centavo provavelmente não iria chegar aos bolsos de um barbaqueiro. Recusamos nossos aliados a enviamos recursos.

A devastação do furacão Joan trouxe a vinda de fome em massa e o sofrimento (e, no prazo, ajudaram nossos esforços para atingir objetivos). Nós queríamos que os contras morressem de fome para que os sandinistas de má gestão econômica não, sob nosso controle, deveriam ser punidos.

Terceiro, usamos arduamente para impedir a Nicarágua. Como escreveu o jornalista costarriquenho Mesoanzeno, a guerra foi numa trama perpetrada pelo presidente Oscar Arias e outros presidentes da América Central que lhes custou as eleições presidenciais.

Para a Nicarágua, o furacão Joan em 1987 era bom negócio. Os contras adiantariam as eleições nacionais e permitiriam a observação internacional. O feito em 1984, "em termos de desmobilizados e a guerra letal", a Nicaraguense cumpriu o que prometeu: paz, entretanto, ninguém deu atenção ao plano.

Arias, a Casa Branca e os outros tinham a mínima intenção de cumprir o plano. Os EUA triplicaram

CIA em reforço aos contras. Em poucos meses, o plano de paz estava totalmente sepultado.

Assim que a campanha eleitoral começou, os Estados Unidos tornaram bem claro que o embargo econômico, que estava estrangulando o país, e o terror dos contras continuariam se os sandinistas ganhassem a eleição.

Teríamos de ser no mínimo nazistas ou stalinistas incorrigíveis para considerar uma eleição conduzida sob tais condições como justa e livre. Ao sul de nossas fronteiras, poucos sucumbiram a tais ilusões.

Se uma coisa como essa tivesse sido praticada por nossos inimigos,... eu deixo a reação da mídia por conta de sua imaginação. O incrível foi que os sandinistas ainda obtiveram 40% dos votos, enquanto as manchetes do *The New York Times* proclamavam que os americanos estavam “unidos na alegria” com essa “vitória do jogo limpo americano”.

As façanhas dos Estados Unidos na América Central, nos últimos 15 anos, são uma enorme tragédia, não só pelo avassalador custo humano, mas também porque há uma década havia reais perspectivas de progresso em direção a uma democracia significativa, comprometida com as necessidades humanas, já com os primeiros sucessos visíveis em El Salvador, Guatemala e Nicarágua.

Esses esforços poderiam ter funcionado e ensinado lições úteis a outros flagelados com problemas semelhantes, o que logicamente era o que os estrategistas

norte-americanos mais temiam. Eles não conseguiram, com sucesso, talvez para sempre.

### 3. FAZENDO DA GUATEMALA

Se houve um lugar na América Central que não teve alguma cobertura pela imprensa ocidental, este lugar foi a Guatemala. A revolução derrubou um tirano, estabeleceu um governo democrático e inspirou basicamente no mundo inteiro.

Nos dez anos de existência, houve o início de um desenvolvimento econômico.

Isso causou uma reação em Washington. Eisenhower, Kennedy e Johnson, em autodefesa e a autopreservação, estavam em jogo, a nação estava em perigo, exterminado. Os relatórios da imprensa americana eram muito negativos, representado pela democracia.

Um memorando da situação da Guatemala com os EUA” devido à “inflação na defesa das reformas sociais. O memorando advertia que recentemente aumentado às atividades comunistas nos países da América Central citado foi uma alegada de José Figueres.

Como já foi mencionado anteriormente, José Figueres foi o fundador da democracia na Costa Rica e o principal líder democrático da América Central. Embora tenha contribuído entusiasticamente com a CIA e tenha chamado os Estados Unidos de “o porta-bandeira de nossa causa”, além de ter sido considerado pelo embaixador norteamericano na Costa Rica como “a melhor agência de propaganda que a United Fruit Company poderia encontrar na América Latina”, Figueres tinha um estilo independente e, portanto, não era de tanta confiança quanto Somoza ou outros bandidos a nosso serviço.

Na retórica política dos Estados Unidos, isso possivelmente faria dele um “comunista”. Então, se a Guatemala havia dado dinheiro para ajudá-lo a vencer a eleição, isso mostrava que a Guatemala apoiava os comunistas.

Pior ainda, o mesmo memorando continuava, as “diretrizes radicais e nacionalistas” do governo capitalista democrático, incluindo a “perseguição dos interesses econômicos estrangeiros, especialmente os da United Fruit Company”, haviam ganho “o apoio ou aquiescência da maioria dos guatemaltecos”. O governo estava obtendo a “mobilização dos camponeses até aqui inertes”, e minando, ao mesmo tempo, o poder dos grandes latifundiários.

Além disso, a revolução de 1944 tinha despertado “um forte movimento nacional para libertar a Guatemala da ditadura militar, do atraso social e do ‘colonialismo econômico’, que haviam sido normas do

passado”, e “inspirado a l... interesse da maioria dos gu... conscientes”. As coisas torna... que uma bem-sucedida re... ameaçar a “estabilidade” na... população sofrida não po... medidas.

Em resumo, a situaç... CIA empreendeu um b... Guatemala tornou-se o açor... intervenção regular dos Es... as coisas ameaçam sair fora...

No final da década... estavam novamente alcan... provocando protestos ve... contrário do que muita gent... Guatemala continuou virt... governo dos “direitos hur... aliados também se vol... notadamente Israel, que... estrategista, em parte de... promover terrorismo de E...

Com Reagan, o apo... Guatemala tornou-se absol... radical dos Hitlers guatema... lá, Rios Montt, foi sauda... homem totalmente dedica... dos anos 1980, os amigos... dezenas de milhares de gua... do planalto, além de outros...

torturadas e violentadas. Grandes regiões foram dizimadas.

Em 1988, um jornal guatemalteco recentemente aberto, chamado *La Época*, foi explodido por terroristas ligados ao governo. Naquela época, a mídia aqui estava muito preocupada com o fato de um jornal financiado pelos Estados Unidos na Nicarágua, *La Prensa* - que propunha abertamente a derrubada do governo e apoiava o exército terrorista dirigido pelos EUA -, ter sido forçado a deixar de lançar algumas edições devido à falta de papel de imprensa. Isso causou uma torrente de indignação e insultos, no *Washington Post* e em outros lugares, contra o totalitarismo sandinista.

Por outro lado, a destruição do *La Época* não despertou interesse algum e nem foi noticiada aqui, embora o fato tenha sido bem conhecido pelos jornalistas norte-americanos. Naturalmente, os meios de comunicação de massa norte-americanos não esperavam noticiar que as forças de segurança, financiadas pelos Estados Unidos, haviam silenciado a única voz independente na Guatemala, que havia tentado, poucas semanas antes, se levantar.

Um ano depois, um jornalista do *La Época*, Júlio Godoy, que havia fugido após a explosão do jornal, voltou à Guatemala para uma breve visita. Quando voltou aos Estados Unidos, ele comparou a situação da América Central com a da Europa Oriental. Para ele, os europeus orientais tinham “mais sorte que os centro-americanos”, Godoy escreve por quê:

Enquanto em Praga o governo imposto por Moscou degradaria e humilharia os reformistas, o

governo da Guatemala, com sua política de assassinaria. Isso ainda conta com o fato de que já fez mais de 150.000 vítimas. [O jornal Internacional chama de], “um dos maiores atos de assassinato político”.

A imprensa ou se coartou ou se coibiu. O *La Época*, desapareceu sem poder acreditar”, continua Godoy. “Os Estados Unidos e a Casa Branca rendem homenagem aos mortos oferecendo o sangue centenas de dólares. Um diplomata da Europa Ocidental disse: “Embora os norte-americanos não tenham a intenção de trazer a região, não haverá aqui esperança”.

#### 4. A INVASÃO DO PANAMÁ

O Panamá tem sido governado por uma elite e uma população. Isso mudou em 1968, quando Torrijos, um general populista, tomou o poder e permitiu aos negros e aos pobres uma fatia mínima do poder.

Em 1981, Torrijos foi assassinado. Até 1983, o governante era Noriega, um criminoso que recebeu milhões de dólares da CIA.

Noriega foi financiado por pagamentos da CIA. Ele recebeu milhões de dólares, desde o governo de Nixon com o objetivo de eliminá-lo. Contudo, o governo continuou a fazer pagamentos da CIA. E

Senado norte-americano concluiu que o Panamá havia se tornado um grande centro de lavagem de dinheiro e de tráfico de drogas.

O governo norte-americano, mesmo assim, continuou a prestigiar os serviços de Noriega. Em maio de 1986, o diretor do Órgão de Repressão às Drogas elogiou Noriega por sua "vigorosa política contra o tráfico de drogas". Um ano mais tarde, esse diretor deu "boas-vindas à nossa estreita associação" com Noriega, enquanto o procurador-geral Edwin Meese paralisou uma investigação do Departamento de Justiça dos EUA sobre as atividades criminosas de Noriega. Em agosto de 1987, uma resolução do Senado condenando Noriega foi contestada por Elliott Abrams, uma autoridade do Departamento de Estado, encarregado da política norte-americana na América Central e no Panamá.

Ainda assim, quando Noriega foi finalmente processado, em Miami, em 1988, todas as denúncias, exceto uma, eram referentes a atividades praticadas antes de 1984, quando ele era o nosso "garoto", ajudando os Estados Unidos na guerra contra a Nicarágua, fraudando eleições com a aprovação dos EUA e geralmente servindo de modo satisfatório aos interesses norte-americanos. Isso nada teve a ver com a repentina descoberta de que ele foi gângster e traficante de drogas - o que sempre se soube.

Tudo é muito previsível, como um estudo atrás do outro mostra. Um tirano brutal cruza facilmente a linha, do amigo admirável para o "vilão" e a "escória" quando comete o crime de independência. Um erro

comum é o de ir além do que é bom - e começar a i... privilegiados, provocar... empresariais.

Em meados de 19... culpado por esses crime... parecia não estar dispost... dos contras. Sua indep... nossos interesses no Pana... a maior parte da admini... passar ao controle do P... passará completamente... assegurar, então, que o... pessoas que pudéssemos

Como não podían... pata cumprir nossas o... Washington impôs sanc... mente destruíram a ec... principal cair sobre a mai... população também pass... era responsável pela gue... se alguém quer saber) qu... morrerem de fome.

Em seguida, tent... falhou. Então, em de... comemoraram a queda d... Guerra Fria invadindo o... matando centenas ou talv... sabe ao certo, e poucos... interesse suficiente em s... da elite branca e rica, q

golpe de Torrijos, bem a tempo de assegurar um governo dócil na mudança administrativa do Canal, em 1º de janeiro de 1990 (como foi observado pela imprensa direitista européia).

Durante todo esse processo, a imprensa norte-americana foi comandada por Washington, selecionando vilões segundo as necessidades do momento. Ações anteriormente perdoadas tornaram-se crimes. Por exemplo, em 1984, a eleição presidencial panamenha foi vencida por Arnulfo Arias. A eleição foi roubada por Noriega com violência e fraude consideráveis.

Mas Noriega ainda não se havia tornado desobediente. Ele era nosso homem no Panamá, e o partido de Arias foi julgado por ter perigosos elementos do "ultranacionalismo". O governo Reagan aplaudiu, portanto, a violência e a fraude, e mandou para lá o secretário de Estado, George Shultz, para legitimar a eleição roubada e elogiar a versão da "democracia" de Noriega como um modelo para os errantes sandinistas.

A aliança Washington-mídia e os principais jornais abstiveram-se de criticar a eleição fraudulenta no Panamá, mas consideraram como totalmente sem valor as eleições sandinistas daquele mesmo ano - que foram muito mais livres e honestas - porque não puderam ser controladas.

Em maio de 1989, Noriega novamente rouba uma eleição, dessa vez de um representante da oposição empresarial, Guillermo Endara. Noriega usou menos violência do que em 1984. Mas o governo Reagan havia sinalizado estar contra Noriega. Seguindo o roteiro já

previsível, a imprensa fracassou dele em seguir

A imprensa veementemente as vi anteriormente não h Na época da invasã 1989, a imprensa transformando-o nu dos hunos (foi basic de Kadafi, da Líbia). pertencia àquela con nais, homens como Khomeini, que os Rather colocou-o " drogas e da escória foi um bandido de m como era quando tra

Em 1988, por uma reportagem sobre mostrando um qu relatórios e as infor registro de violações não era nada difer Estados Unidos na período em que Ne favoritos e seguia no

Tomem o caso de não seja um governo El Salvador e da Guat humanos, lá, eram p

Panamá. De fato, havia um batalhão treinado pela CIA, em Honduras, que por si só já havia cometido mais atrocidades do que Noriega.

Ou então considerem os ditadores apoiados pelos Estados Unidos, como Trujillo, na República Dominicana, Somoza, na Nicarágua, Marcos, nas Filipinas, Duvalier, no Haiti, e uma série de outros gângsters da América Central, durante a década de 1980. Todos eram mais brutais que Noriega, mas os Estados Unidos os apoiaram incontestavelmente por décadas, mesmo sabendo das terríveis atrocidades cometidas - enquanto os lucros saíam de seus países e desembocavam nos EUA. O governo de George Bush continuou a exaltar Mobutu, Ceausescu e Sadam Hussein, entre outros, todos criminosos piores que Noriega. Suharto, da Indonésia, indiscutivelmente o pior assassino de todos eles, permanecia como "moderado" na mídia de Washington.

De fato, no exato momento em que o Panamá foi invadido, devido ao ultraje na violação dos direitos humanos feito por Noriega, o governo Bush anunciou a venda de alta tecnologia para a China, justificando que 300 milhões de dólares, em negócios para as empresas norte-americanas, estavam em jogo, e assim os contatos foram secretamente retomados, poucas semanas depois do massacre na Praça Tiananmen.

No mesmo dia em que o Panamá foi invadido, a Casa Branca anunciou também planos (e os implementou logo em seguida) de suspender a proibição de empréstimo ao Iraque. O Departamento de Estado explicou com seriedade que a medida objetivava alcançar

"o aumento de metas de colocar em melhor posição sobre o relatório dos diretores".

O Departamento de Estado fez uma farsa enquanto Bush repetia a farsa iraquiana (banqueiros, prós e contrários) e os esforços no Congresso para apoiar de seu velho amigo Sadam. Os amigos de Bush em Bagdá, a Mãe Teresa de Calcutá e o Papa João Paulo II.

Após a invasão, bilhões de dólares em ajuda ao Panamá consistiam em incentivos para exportar produtos agrícolas para pagar empréstimos americanos e para outros empréstimos aos investidores americanos. De metade da ajuda foi enviado para o Banco Mundial americano às empresas americanas.

Os EUA colocaram o Banco Mundial no poder depois da invasão. O tráfico de drogas e o tráfico de pessoas são o deles. O tráfico de drogas pelos bancos - e como o tráfico não é regulamentado -, isto é, para o dinheiro do crime. Isto é artificial da economia para o tráfico - possivelmente em grau total. As Forças Armadas de Bagdá também reconstruídas com

Em geral, tudo está praticamente na mesma, só que agora os servidores encarregados são mais confiáveis. (O mesmo se passa com Granada, que se tornou um grande centro de lavagem de dinheiro das drogas, desde a invasão americana. A Nicarágua também se tornou um importante canal de ligação para o mercado americano de drogas, depois da vitória de Washington na eleição de 1990. A norma é padronizada - assim como a omissão em percebê-la.)

### III- NOSSA POLÍTICA ORIENTE MÉDIO

#### 1. VACINANDO O SUDOESTE

As guerras americanas são feitas de acordo com a norma geral. Por exemplo, o Estado reconheceu a resistência antifrancesa em Argélia, mas não era o movimento nacionalista que não cedeu o controle da situação, então o desenvolvimento econômico dos interesses dos investidores.

Têmia-se que o resultado seria que, nesse caso, "a polio infectaria" a região, por isso os estrategistas usaram a tática de alguns loucos e alienados, o que eles mais temiam fosse bem sucedido.)

O que se faz quando você o destrói e, em seguida, o potencial para que a destruição seja a estratégia que os EUA usam.

Se possível, é melhor usar os militares locais destruídos. Se puderem, você terá de fazer isso. Isso é mais oneroso, e você tem de fazer isso em que tivemos de agir.

Bem no final dos anos 1960, os EUA bloquearam todas as tentativas de um acordo político para o conflito, mesmo aqueles propostos pelos generais de Saigon. Se houvesse um acordo político, poderia haver progresso na direção de um desenvolvimento bem sucedido fora da nossa influência - resultado esse inaceitável.

Ao invés disso, nós instalamos um terror de Estado, de estilo tipicamente latino-americano no Sul do Vietnã, subvertendo a única eleição livre na história do Laos, porque o lado errado ganhou, e bloqueamos a eleição no Vietnã, porque era óbvio que o lado errado iria ganhar lá também.

O governo Kennedy fez uma escalada de ataque contra o Vietnã do Sul, partindo de um maciço terror de Estado para uma agressão aberta. Johnson enviou uma enorme força expedicionária para atacar o Sul do Vietnã e expandiu a guerra para toda a Indochina. Isso certamente destruiu o vírus - porém, a Indochina terá sorte se dentro de cem anos conseguir se recuperar.

Enquanto os EUA extirpavam a doença do desenvolvimento independente pela raiz no Vietnã, evitaram também sua propagação, apoiando a tomada de poder na Indonésia por Suharto, em 1965, promovendo a queda da democracia nas Filipinas por Ferdinando Marcos, em 1972, e apoiando a lei marcial na Coreia do Sul e na Tailândia, e assim por diante.

O golpe de Suharto na Indonésia, em 1965, foi particularmente bem acolhido pelo Ocidente, porque destruiu ali o único partido político de massa resultando em poucos meses numa matança de cerca de setecentas

mil pessoas, a maioria em um "raio de luz na Ásia", pensador do *The New York Times*, assegurando aos seus leitores que ele participou desse triunfo.

O Ocidente ficou com o novo líder "moderado" do *Christian Science Monitor*, após ele ter lavado o rosto. Ele acumulava centenas de milhões de dólares e de outras partes. Essa massa é "um bálsamo" para o respeitável *Economist* e sua atitude em relação às

Depois que a guerra acabou em 1975, o objetivo principal foi maximizar o sofrimento que foram devastados. A crueldade é realmente

Quando os meninos do Camboja, o Departamento de Estado. Quando a Oxfam arrecadou dinheiro para os solares, a reação foi igualmente negativa. Quando grupos religiosos que tentaram ajudar para o Laos, para que não fossem lançadas pelos ataques

Quando a Índia enviou médicos domésticos para o Vietnã, a enorme de gado destruído lembre-se que, nesse p

representa o fertilizante, o trator e a sobrevivência -, os Estados Unidos ameaçaram cancelar o programa de ajuda Alimento para a Paz. (Com isso, até Orwell ficaria surpreso.) Nenhum grau de crueldade é suficientemente grande para os sádicos de Washington. As classes instruídas conhecem o suficiente para olhar do outro lado.

Para sangrar o Vietnã, nós apoiamos indiretamente o Khmer Vennelho por intermédio de nossos aliados, China e Tailândia. Os cambojanos tiveram de pagar com sangue até estarmos seguros de que não haveria recuperação no Vietnã. Os vietnamitas foram punidos por terem enfrentado a violência norte-americana.

66 Ao contrário do que praticamente todos dizem - direita ou esquerda -, os Estados Unidos alcançaram seu objetivo na Indochina. O Vietnã foi destruído. Não há mais perigo ali de um desenvolvimento bem-sucedido poder servir de modelo para outros países da região.

Logicamente, não foi uma vitória total para os Estados Unidos. Nossa grande meta - a de reincorporar a Indochina ao sistema global dominado pelos EUA - ainda não foi alcançada.

Mas o nosso objetivo básico - o decisivo, o que realmente importava - foi o de destruir o vírus, e isso nós conseguimos. O Vietnã é um país em desespero e os Estados Unidos fazem o que podem para mantê-lo assim. Em outubro de 1991, os Estados Unidos ignoraram mais uma vez os enérgicos protestos de seus aliados, na Europa e no Japão, e renovaram o embargo e as sanções contra o

Vietnã. Os países de Terceira Via não podem ousar desafiar o valentão global os perdoarem cometerem esse crime in

## 2. A GUERRA DO GOLFO

A Guerra do Golfo foi uma guerra de princípios, como sempre se levantarmos o véu da

Quando o Iraque invadiu o Kuwait em agosto de 1990, o Conselho de Segurança da ONU imediatamente condenou o Iraque e impôs sanções. Por que a ONU agiu com uma firmeza tão serena diante da mídia e o governo americano deu uma resposta padrão.

Primeiro, disseram que a invasão era um crime singular e, portanto, singularmente dura. "A ONU agiu esteve - contra a agressão - e não usaram da força para substituir o regime. Fomos informados pelo Conselho de Segurança do Panamá e único chefe de Estado do Corte Internacional de Justiça condenação da Corte Internacional de Justiça americano contra a Nicarágua. As classes instruídas repetiram obediência ao seu líder, curvando-se e não se desviando de seus altos princípios.

Segundo, essas medidas foram tomadas em coro, que finalmente

funcionando como fora planejada. Eles argumentavam que isso era impossível antes do fim da Guerra Fria, quando a ONU se tornou ineficiente graças à dissidência da União Soviética e à estridente retórica antiocidental do Terceiro Mundo.

Nenhum desses argumentos resistem, mesmo por um instante, a um exame mais minucioso. Nem os EUA e nem os demais países aliados estavam sustentando algum alto princípio no Golfo. O motivo dessa resposta sem precedentes a Sadam Hussein não foi sua brutal agressão, mas sim por ele ter pisado em falso.

Sadam Hussein é um gângster assassino exatamente como era antes da Guerra do Golfo, quando ele era nosso amigo e sócio comercial favorito. Sua invasão ao Kuwait foi certamente uma atrocidade, porém dentro dos padrões de outros crimes praticados pelos Estados Unidos e seus aliados, e nem tão terrível quanto as que ocorreram em outras regiões. Por exemplo, a invasão da Indonésia e a anexação do Timor Oriental, que alcançaram proporções próximas às de um genocídio, devido ao decisivo apoio dos EUA e de seus aliados. Talvez um quarto dos setecentos mil habitantes tenham sido mortos, uma carnificina superior à ocorrida em Pol Pot, em relação à população, naquele mesmo período.

Nosso embaixador na ONU naquela época (hoje senador por Nova York), Daniel Moynihan, assim explicou sua façanha na ONU em relação ao Timor Oriental: "Os EUA queriam que as coisas ocorressem justamente da forma como ocorreram, e trabalharam para isso. O Departamento de Estado desejava que a

ONU comprovasse suas medidas que fossem empurradas para frente. Foi dada a mim, e eu tive sucesso".

O ministro das Relações Exteriores justificou a aquiescência com o roubo das ricas reservas de petróleo do Timor Oriental (e a parte do petróleo roubado das ricas reservas de petróleo do Kuwait) simplesmente que "o mundo está cheio de exemplos de corrupção. O Iraque invadiu o Kuwait e não houve uma ressonante declaração de condenação. Os maiores não podiam invadir o Kuwait. Nenhum limite do cinismo dos moralistas ocidentais".

Quanto à ONU, ela não funcionou como fora planejada. A invasão do Kuwait foi absolutamente obscura. A invasão do Timor Oriental, uma correção política, que ocorreu por outros meios de expressão. A invasão do Kuwait foi bloqueada pelas grandes potências, pelos EUA - não pela União Soviética e pelo Terceiro Mundo. Desde 1970, os EUA têm votado em muitas mais resoluções na ONU do que as outras nações (a França em terceiro e a URSS em quarto lugar).

Nossa história na ONU é a história da "retórica estridente" do Terceiro Mundo resulta geralmente da violação da lei internacional, uma lei que se aplica contra a pilhagem dos países pobres.

A ONU foi capaz de responder à agressão iraquiana porque, pela primeira vez, os Estados Unidos permitiram isso. A severidade sem precedentes das sanções da ONU foi resultado de intensas ameaças e pressões dos Estados Unidos. As sanções tiveram uma oportunidade rara e boa de funcionar, não só por causa de sua dureza como também porque os habituais violadores de sanções - EUA, Inglaterra e França - as acataram, por mais estranho que pareça.

Mas, mesmo depois de permitir as sanções, os Estados Unidos imediatamente bloquearam a saída diplomática ao despachar uma enorme força militar para o Golfo, à qual a Inglaterra se uniu, apoiada pelas ditaduras das famílias que governam os países petrolíferos no Golfo, com a participação apenas nominal dos outros países.

Uma força menor de dissuasão seria suficiente para que as sanções tivessem um efeito significativo, o que um exército de meio milhão de soldados não poderia conseguir. O propósito da rápida concentração militar era eliminar o perigo de o Iraque sair de modo pacífico do Kuwait.

Por que uma solução diplomática era tão pouco atraente? Poucas semanas após a invasão do Kuwait, no dia 2 de agosto, as linhas básicas de um possível acordo político estavam tornando-se claras. A resolução 660 do Conselho de Segurança exigia a retirada imediata do Kuwait e também convocava negociações simultâneas para as questões de fronteira. Em meados de agosto, o Conselho de Segurança considerou uma

proposta iraquiana de  
contexto.

Parece que ali há  
acesso do Iraque ao C  
arrendamento ou um o  
pantanosas desabitada  
Inglaterra, em sua decis  
o Iraque praticamente s  
a solução de uma dispu  
petróleo, que se estend  
Kuwait, além de uma fr

Os EUA pratican  
quaisquer outras nego  
sem revelar os fatos ac  
que aparentemente era  
*Times* informou que o  
nado a bloquear a "via  
crise se difundisse" mut  
principais foram public  
pelo diário *Newsday*, de  
geral, manteve silêncio

A última oferta a  
pelos oficiais norte-amer  
exigia a total retirada ir  
nenhuma especificação  
foi feita num contexto  
"ligados" a outras ques  
massa na região e o con

As últimas questõe  
do Sul do Líbano por I  
425 do Conselho de Seg

exigia a retirada imediata e incondicional do território invadido. A resposta dos Estados Unidos foi a de que não haveria diplomacia. A mídia, com exceção do *Newsday*, omitiu os fatos enquanto louvava os altos princípios de Bush.

Os EUA recusaram-se a considerar as questões “articuladas” porque se opunham à diplomacia em todas essas questões. Isso ficou claro meses antes da invasão do Kuwait pelo Iraque, quando os EUA rejeitaram a oferta iraquiana de negociação sobre armas de destruição em massa. Na oferta, o Iraque propunha a destruição total tanto das armas químicas quanto das biológicas, se outros países da região também dessem fim a suas armas de destruição em massa.

72 Sadam Hussein era, então, amigo e aliado de Bush, e, sendo assim, recebeu uma resposta significativa. Washington disse que acolheria bem a proposta iraquiana de destruir suas próprias armas, mas não queria que isso ficasse ligado a outras “questões ou sistemas de armas”.

Não houve menção sobre “os outros sistemas de armas”. E havia uma razão para isso. Israel não só tem armas químicas e biológicas como também é o único país no Oriente Médio que possui armas nucleares (provavelmente cerca de duzentas delas). Mas “armas nucleares israelenses” é uma expressão que não pode ser escrita ou pronunciada por nenhuma fonte oficial do governo norteamericano. Essa expressão suscitaria perguntas sobre a ajuda ilegal a Israel, já que a legislação sobre ajuda estrangeira proíbe, desde 1977, o envio de

recursos a qualquer país o secretamente.

Independentemente, os EUA têm bloqueado sem sucesso negociações de paz no Oriente Médio. A diplomacia internacional sobre recusa dos palestinos à sua autodeterminação. Os EUA têm sido praticamente sempre em oposição. Os votos na ONU em 1975 e 1976 foram anuais. Mais uma vez, em 1975, em meio da crise do Golfo Pérsico, a conferência internacional sobre o Oriente Médio votou dois contra (EUA e Israel) a favor do Iraque e Kuwait.

Os EUA também não permitiram a reversão de processos pacíficos, como é prescrito no Artigo 33 da Carta das Nações Unidas. Em vez disso, preferiram enviar o conflito à arena da violência. Como uma superpotência, não é surpreendente que prevalecer sobre um adversário.

Como já foi explicado, os EUA apoiavam regularmente a Israel, muito mais criminosos do que o Iraque. Só o mais óbvia dificuldade em entender a política em que os EUA, quando não de algum cliente ou aliado, não em atuar na “articulação” da política.

Veja a ocupação de Jerusalém declarada ilegal pela ONU.

seguiram aí a “diplomacia silenciosa” e o “relacionamento construtivo” por anos, intermediando um acordo que deu à África do Sul ampla recompensa (inclusive o principal porto da Namíbia) por suas agressões e atrocidades, com sua “articulação” estendendo-se para o Caribe, e os lucros bem-vindos para os interesses das empresas internacionais.

As forças cubanas que haviam defendido Angola, vizinha da Namíbia, do ataque da África do Sul foram retiradas da região, mas os Estados Unidos, assim como no “acordo de paz” feito na Nicarágua em 1987, continuaram suprindo o Exército terrorista, apoiados pelos seus aliados (África do Sul e Zaire), preparando terreno para a “eleição democrática” estilo Nicarágua 1992, onde o povo foi para as urnas sob a ameaça de estrangulamento na economia e ataque terrorista se votasse de maneira errada.

Enquanto isso, a África do Sul estava saqueando e destruindo a Namíbia, usando-a como uma base-ataque contra seus países vizinhos. Somente entre os anos Bush e Reagan (1980-1988) a violência na África do Sul causou prejuízos em torno de 60 bilhões de dólares e a morte de mais de um milhão e meio de pessoas nos países vizinhos (excluindo a Namíbia e a África do Sul). Mas a classe dos comissários foi incapaz de enxergar esses fatos e elogiou a admirável disposição de altos princípios de George Bush, quando ele se opôs a qualquer “articulação” - mas quando alguém pisa em nossos pés...

De modo geral, opor-se à “articulação significa um pouco mais do que rejeitar a diplomacia, que sempre

envolve questões mais complexas do que a posição dos Estados Unidos. Depois que Saddam Hussein foi derrotado por Bush pressionou para que a agressão iraquiana fosse eliminada, mas o contraste com a posição dos Estados Unidos e atrocidades de Saddam Hussein na região para garantir a sua posição.

Bem, isso é articulação. Os Estados Unidos temiam “difundir a crise” e, por isso, uma “articulação” diplomática, durante a guerra.

Ao recusar a diplomacia, os Estados Unidos preocupados com o fato de que os recursos de energia do Golfo não estivessem sob o nosso controle e que os países produtores ajudassem a Rússia e de seu aliado britânico.

Os Estados Unidos em uma posição dominante e ensinado a ser governado pela força. Washington continuou barrando qualquer ameaça nas tiranias do Golfo, como Saddam Hussein quando ele esmagou os xiitas, ao sul, a poucas milhas depois a dos curdos, ao

Mas o governo Bush ainda não havia alcançado êxito naquilo que Thomas Friedman, seu porta voz e correspondente-chefe da diplomacia no *The New York Times*, chama de “o melhor dos mundos: uma junta iraquiana de punho-de-ferro sem Sadam Hussein”. “Isto”, escreve Friedman, “seria voltar aos dias felizes em que o punho-de-ferro de Sadam... mantinha o Iraque unido, para satisfação dos aliados americanos, Turquia e Arábia Saudita”, sem falar do chefe em Washington. A situação atual do Golfo reflete as prioridades das superpotências que escondem as cartas, ou qualquer outra evidência que deve permanecer oculta para os guardiães da fé.

### 3. A COBERTURA IRÃ-CONTRAS

Os principais elementos da história do caso Irã-Contras eram conhecidos bem antes de serem expostos em 1986, com exceção de um fato: que a venda de armas para o Irã, via Israel, e a guerra ilegal dos Contras, dirigida do escritório de Ollie North, na Casa Branca, estavam conectadas.

A remessa de armas ao Irã, via Israel, não começou em 1985, quando um inquérito congressional e um procurador especial começaram a investigar a história. Isso começou quase que imediatamente após a queda do xá do Irã, em 1979. Já em 1982, era do conhecimento público que Israel estava fornecendo grande parte das armas ao Irã - conforme se podia ler nas primeiras páginas do *The New York Times*.

Em fevereiro de 1982, as principais figuras de Israel, cujos nomes só apareceriam mais tarde na rede

de televisão da BBC, de ajudado a organizar o fluxo de armas para Khomeini. Em outubro de 1982, um agente israelense nos EUA descobriu que o Irã enviava armas para o Iraque em troca da cooperação dos Estados Unidos em um nível”. Os altos oficiais israelenses forneceram sua versão: estabelecer um cessar-fogo das forças armadas do Irã que restaurando os acordos de paz com o Irã do xá - ou seja, procedendo a uma negociação.

Quanto à guerra do Irã, os detalhes das operações foram conhecidos em 1985 (a operação foi há mais de um ano, quando o navio foi abatido e o agente americano capturado). A mídia simpatizante do outro lado.

O que então gerou a crise? Chegou um momento em que o Irã ocultá-lo por mais tempo não foi derrubado, na Nicarágua. Os Contras por meio da mídia informou que o Conselho de Segurança EUA estava distribuindo armas em Teerã, a história não foi revelada. Depois disso, emergiu uma série de histórias bem conhecidas.

Passamos então para o lado do prejuízo. Foi nisso que se tratava do caso.



o sistema do FMI. Se conseguirmos que o adotem, eles serão facilmente exploráveis e desempenharão seu novo papel da mesma forma que o Brasil e o México.

Em muitos sentidos, a Europa Oriental é mais atraente para os investidores do que a América Latina. Uma dessas razões é que sua população é branca e de olhos azuis, logo mais fácil de negociar com os investidores, que vêm de sociedades profundamente racistas como a da Europa Ocidental e a dos Estados Unidos.

O mais importante ainda é que a Europa Oriental tem, em geral, saúde e padrões educativos muito mais elevados que os da América Latina que, salvo certos setores isolados de riqueza e privilégio, é uma área de desastre total. Uma das poucas exceções a esse respeito é Cuba, que se aproxima mais dos padrões ocidentais de alfabetização e saúde, embora suas perspectivas sejam sombrias.

Uma razão para essa disparidade entre a América Latina e a Europa Oriental é o nível demasiadamente maior de terror estatal nos anos posteriores a Stalin. Um segundo motivo é a política econômica.

De acordo com a inteligência Americana, a União Soviética injetou cerca de 80 bilhões de dólares na Europa Oriental, nos anos 1970. A situação foi bem diferente na América Latina. Entre 1982 e 1987, cerca de 150 bilhões de dólares foram transferidos da América Latina para o Ocidente. O *The New York Times* cita estimativas em "transações escusas" que poderiam alcançar 700 bilhões de dólares (incluindo dinheiro de drogas, lucros ilegais, etc.). Os efeitos na América Central

têm sido particularmente graves. A situação que ocorre em toda a América Latina é uma situação generalizada, desnuda, de destruição ambiental, de queda do padrão de vida aos níveis de fome.

A situação na África também é grave. O capitalismo foi particularmente destrutivo em um "implacável pesadelo" para os povos ocidentais, isso nos dá uma ideia da situação. A Organização da Unidade Africana, fornecidos pela Organização das Nações Unidas, estimam que 11 milhões de pessoas morrerão no "mundo em desenvolvimento" que poderia ser evitado se os recursos fossem dirigidos para a saúde ao invés de serem dirigidos para a guerra. Uns poucos.

Numa economia de interesses e as necessidades, a situação é para as finanças internacionais que as servem, a maioria dos recursos são supérfluos. Eles serão controlados por instituições de poder e não pelo povo. O desafio ou o controle.

## 5. CONCLUSÃO: O BANDO

Na maior parte do mundo, foram, de longe, a potência mundial, que fez da guerra mundial, incluindo medidas que foram tomadas, incluindo imposições das regras d

nos últimos vinte anos, mais ou menos, os Estados Unidos têm estado em declínio em relação ao Japão e à Europa encabeçada pela Alemanha (graças, em parte, ao mal gerenciamento do governo Reagan, que deu uma festa aos ricos com custos pagos pela maioria da população e das futuras gerações). Ao mesmo tempo, no entanto, o poder militar norte-americano tornou-se absolutamente preponderante no mundo.

Enquanto a União Soviética esteve no jogo, havia um limite para a força que os Estados Unidos poderiam aplicar, particularmente nas áreas mais remotas, onde não tínhamos a vantagem de uma grande força convencional. Como a URSS costumava apoiar governos e movimentos políticos que os EUA tentavam destruir, havia o perigo de que a intervenção norte-americana no Terceiro Mundo pudesse explodir numa guerra nuclear.

Com o obstáculo soviético desfeito, os EUA estão muito mais livres para usar a violência pelo mundo afora, fato este reconhecido com muita satisfação pelos analistas políticos norte-americanos, há vários anos.

Em qualquer confrontação, cada participante tenta deslocar a batalha para o terreno em que tenha maior probabilidade de sucesso. Se se quer liderar com energia, tem de jogar pesado. A jogada de peso dos Estados Unidos é a força, então, se pudermos estabelecer o princípio de que a força comanda o mundo, isso será uma vitória para nós. Se, por outro lado, um conflito for resolvido por meios pacíficos, isso nos beneficiará menos, porque nossos rivais são tão bons ou até melhores que nós nesse terreno.

A diplomacia é indesejável, a menos que seja um fuzil. Os Estados Unidos não são populares para suas metas, e isso é surpresa, tendo em vista que eles impõem estruturas de dominação em qualquer acordo diplomático. Eles são menos em certo grau populares entre os participantes na negociação quando suas posições não são muito fortes.

Em consequência disso, os EUA comumente tentam usar uma imensa propaganda, há uma grande verdade no Sudeste Asiático e na América Central.

Diante de tal situação, Bush considerasse a força um instrumento político, a diplomacia (como na atualidade os Estados Unidos usam) econômica para impor o Terceiro Mundo, é necessário financiarem tais atividades. Isso é amplamente reconhecido e assegure o devido respeito aos lucros da produção petrolífera. O Japão e a Europa continuam a devem pagar sua parte e assumirem o seu "papel" no conselho da imprensa e

O editor financeiro do conservador *Chicago Tribune* vem enfatizando esses temas com uma clareza singular. Nós devemos ser “mercenários bem dispostos”, pagos pelos nossos rivais por nossos amplos serviços prestados, usando nosso “monopólio de poder” no “mercado de segurança” para manter “nosso controle sobre o sistema econômico mundial”. Deveríamos administrar um plano de proteção global, ele aconselha, vendendo “proteção” para outras potências ricas, que nos pagariam uma “recompensa de guerra”.

Isto é *Chicago*, onde as palavras são assim entendidas: se alguém o incomodar, você pode chamar a Máfia para quebrar-lhe ossos. Mas se você se atrasar na recompensa, sua saúde também pode sofrer danos.

Para ser exato, o uso da força para controlar o Terceiro Mundo é somente o último recurso. O FMI é um instrumento mais barato que os *marines* e a CIA. Mas o “punho-de-ferro” deve estar nos bastidores, disponível quando necessário.

Nosso papel de “bandidos de aluguel” também causa sofrimento interno. Todas as potências industriais bem-sucedidas sempre contaram com o Estado para protegê-las e ampliar seus já poderosos interesses econômicos internos, direcionando os recursos públicos para as necessidades dos investidores, e assim por diante - este é um motivo pelo qual eles são bem-sucedidos. Desde 1950, os EUA têm, em geral, seguido essas metas por intermédio do sistema do Pentágono (inclusive a NASA e o Departamento de Energia, que produzem armas nucleares). Atualmente, estamos atados a esses

instrumentos para manter a indústria de computadores de ponta, em geral.

Os excessos keynesianos aumentaram ainda mais o uso de recursos para a mídia governamental, levando a manipulação financeira. Contudo, houve pouco investimento e o país ficou sobrecarregado com governamentais, empresas e incalculável dívida social, levando a sociedade a se aproximar do Terceiro Mundo, com ilhas de grande pobreza e sofrimento.

Quando o Estado toma decisões políticas, deve de alguma forma distrair a população, está acontecendo ao seu redor de fazer isso. As mais terríveis inimigos terríveis que enfrentamos reverenciar nossos grandes líderes no tempo do desastre.

Esse foi o exemplo de 1980, exigindo não poucos recursos que o esquema padrão, difícil de ser levado a cabo, a existência tem sido Kádár e internacionais; Granada sandinistas marchando e espanhóis liderados pelo

malucos, em geral. Mais recentemente foi Sadam Hussein, depois de praticar um único crime - o crime de desobediência - em agosto de 1990. Tornou-se mais que necessário reconhecer o que sempre foi evidente: o principal inimigo é o Terceiro Mundo, que ameaça sair "fora do controle".

Essas não são leis da natureza. Os processos e as instituições que as engendram podem ser mudados. Mas isso exigiria profundas mudanças culturais, sociais e institucionais que não aconteceriam a curto prazo, inclusive mudanças nas estruturas democráticas, que vão além da seleção periódica de representantes do mundo empresarial para dirigir os negócios nacionais e internacionais.

#### IV - LAVAGEM CEREBRAL DA POPULAÇÃO DA RÚSSIA

##### 1. COMO FUNCIONAVA A LAVAGEM CEREBRAL

Apesar de muita polêmica, a doutrina de Lavagem Cerebral foi a principal preocupação das autoridades eleitas em 1991, e isso claramente. Poucos meses depois de assumir a posição de George K. Bush, o primeiro ministro militar russo que nos explicou a essência da política russa" (outubro de 1991) foi consistente do presidente Bush e seus aliados não pretendiam a conquista do Terceiro Mundo e que o papel mais importante era a transferência de confiança às populações locais, e não a desconfiança que as tornariam politicamente vulneráveis às infiltrações comunistas.

Mesmo assim, os líderes russos buscavam a possibilidade de uma solução pacífica para o conflito da Guerra Fria, que teria deixado a Rússia com uma herança em sua história sobre as armas nucleares. O primeiro ministro escreve que ele não estava preocupado com a ameaça contemporânea séria... que não seria de alguma forma proibida se eles já estarem instalados no Terceiro Mundo. A única ameaça militar ao mundo livre sempre foi a ameaça do comunismo a principal preocupação da Rússia.

(Lembre-se "comunismo" inclui todos aqueles com movimentos de massa)

capacidade de realizar”, como o secretário de Estado John Foster Dules admitiu secretamente ao seu irmão Allen, diretor da CIA. “Os pobres são os que eles mais atraem, ele acrescentou, “e estes sempre quiseram saquear os ricos”. Então, eles devem ser vencidos para proteger nossa doutrina de que os ricos devem saquear os pobres.)

Naturalmente, tanto os EUA quanto a Rússia preferiam que o outro lado desaparecesse, mas visto que isso implicaria obviamente uma eliminação mútua, então um sistema de gerenciamento global, chamado Guerra Fria, foi estabelecido.

De acordo Com a opinião convencional, a Guerra Fria foi um conflito entre duas super potências, causado pela agressão soviética, na qual tentávamos conter a União Soviética proteger o mundo dela. Se esse ponto de vista é uma doutrina teológica, não há necessidade de discuti-la. Entretanto, se se pretende lançar alguma luz sobre essa história, poderíamos facilmente testá-la, tendo em mente um ponto muito simples: se quisermos entender a Guerra Fria, devemos observar os acontecimentos da Guerra Fria. Se assim fizermos, um quadro bens diferente surgirá.

No lado soviético, os acontecimentos da Guerra Fria foram repetidas intervenções na Europa Oriental: tanques em Berlim Oriental, Budapeste e Praga. Essas intervenções foram realizadas ao longo da mesma rota que serviu para atacar, e praticamente destruir, a Rússia por três vezes, só neste século. A invasão do Afeganistão é o único exemplo de uma intervenção fora de rota, embora também na fronteira soviética.

No lado americano, o mundo inteiro, refletindo como a primeira potência da história.

Internamente, a União Soviética a entrincheirar sua estrutura militar-burocrática e de segurança como um motivo para obrigar sua indústria de alta tecnologia a investir nisso às populações internacionais. O antigo alibi – medo ao

A Guerra Fria não importava o quão bizarro fosse o comportamento da União Soviética, com seus tentáculos no Ocidente, o “Império do Mal”, o império e era brutal. Com seu inimigo principal, aterrorizando-a com os olhos do outro.

Numa avaliação crítica, a Guerra Fria foi uma espécie de acordo entre a União Soviética e os Estados Unidos, sob suas guerras contra o Terceiro Mundo e seus aliados na Europa Oriental. Os soviéticos mantiveram o controle do império interno e seus aliados, cada lado utilizando o medo e a violência em seu próprio benefício.

Então, por que a Guerra Fria o seu fim alterou as condições de gastos militares soviéticos?

limites, e os problemas internos estavam aumentando com a estagnação econômica e as crescentes pressões pelo fim do regime tirânico. A potência soviética estava, de fato, declinando internacionalmente há uns trinta anos, como um estudo do Centro de Informação de Defesa mostrou, em 1980. Poucos anos depois, o sistema soviético desmoronaria. A Guerra Fria terminou com a vitória daquele que sempre tinha sido, de longe, o mais rico e mais poderoso concorrente. O colapso soviético fez parte de uma catástrofe econômica geral nos anos 1980, que foi mais dura na maior parte dos domínios do Ocidente no Terceiro Mundo do que no Império Soviético.

90 Como já vimos, a Guerra Fria teve elementos importantes no conflito Norte – Sul (para usar o eufemismo contemporâneo em relação a conquista européia do mundo). A maior parte do Império Soviético havia sido constituída por antigas dependências, quase coloniais, do Ocidente. A União Soviética tomou um caminho independente, fornecendo assistência para os alvos de ataque do Ocidente e evitando uma violência ocidental ainda pior. Com o colapso da URSS, é de se esperar que grande parte da região retorne ao seu tradicional status, com os mais altos escalões da antiga burocracia desempenhando o papel das elites do Terceiro Mundo que se enriquecem servindo aos interesses dos investidores estrangeiros.

Entretanto, se esta fase singular terminou, os conflitos Norte – Sul continuam. Um dos lados pode ter se retirado do jogo, mas os EUA procedem como antes – na realidade mais livremente – com o obstáculo

soviético sendo uma coisa surpreendida ninguém que o fim simbólico da Guerra de Berlim, invadindo imprevisto anunciando aos quatro ventos a eleição na Nicarágua, na economia e o ataque militarizado” ganhasse.

Nem foi necessário para Abrams observar que a estratégia dos Estados Unidos era incoerente e conduzida sem o receio de qualquer parte do mundo. Os comentaristas, durante a guerra, que agora os EUA e a URSS usar uma força ilimitada no Terceiro Mundo, já que o obstáculo soviético.

Logicamente, o colapso dos problemas também. No controle da população imprevisto um problema, como já visto em 1980. Novos inimigos têm se cada vez mais difícil de procurar despojar os verdadeiros inimigos – e o Terceiro Mundo, que beneficia os serviços.

## 2. A GUERRA CONTRA (CERTAS) DROGAS

Um dos substitutos do extinto Império do Mal tem sido a ameaça representada pelos traficantes de drogas da América Latina. No início de setembro de 1989, uma enorme campanha governo – mídia foi lançada pelo presidente. Naquele mês, os telegramas da AP transmitiram mais histórias sobre drogas do que sobre a América Latina, a Ásia, o Oriente Médio e a África juntos. Se alguém assistisse à televisão, perceberia que em todos os programas de notícias havia uma grande parte mostrando como as drogas estavam destruindo nossa sociedade e tornando-se uma grande ameaça à nossa existência, etc.

O efeito na opinião pública foi imediato. Quando Bush ganhou a eleição presidencial, em 1988, o povo dizia que o déficit do orçamento era o maior problema enfrentado pelo país. Apenas 3% apontou as drogas. Depois do bombardeio pela mídia, as preocupações com orçamento diminuíram, ao mesmo tempo que aumentaram em relação às drogas, em torno de 40% a 45%, o que é muito raro para uma pergunta aberta (onde não são sugeridas respostas específicas).

Atualmente, quando algum país aliado reclama que os EUA não estão enviando suficiente ajuda financeira, não diz mais “necessitamos dela para conter os russos”, e sim, “necessitamos dela para reprimir o tráfico de drogas”. Assim como a ameaça soviética, tais inimigos fornecem uma boa desculpa para a presença militar americana onde haja atividade rebelde ou outros distúrbios.

Assim, internacio  
fornece um pretexto p  
tem pouco a ver com a  
a distração da populaçã  
centros urbanos e apoia

Não se trata de d  
químicas” não seja um  
que foi lançada a guer  
por tabaco foram estir  
ao ano, e talvez outras  
essas não eram as droga  
Seu alvo foram as drog  
muito menos mortes –  
acordo com as estimat  
dessa perseguição às c  
destas esteve diminuin  
governo Bush poderia  
guerra às drogas seria b  
consumo de drogas.

O governo Bush  
que não havia causad  
entre seus sessenta milh  
ataque exacerbou o pro  
usuários da maconha p  
mente inofensiva, para  
cocaína, que é mais fáci

Assim que a guer  
com grande estardalha  
Conselho de Represen  
(USTR) conseguiu um  
fim de discutir a propo

impor sanções à Tailândia, em retaliação aos esforços desse país em restringir a propaganda e as importações de tabaco americano. Tais ações do governo americano já tinham forçado ao vício, desse narcótico letal, as gargantas de consumidores no Japão, na Coreia do Sul e em Taiwan, com todo tipo de custos humanos já mencionados.

O chefe da Saúde Pública dos Estados Unidos, Everett Koop, declarou perante o conselho do USTR que “quando imploramos aos governos estrangeiros para acabarem com o fluxo de cocaína, é o cúmulo da hipocrisia os EUA exportarem tabaco”. E acrescentou, “daqui a alguns anos, nosso país vai olhar para trás e achar escandalosa a aplicação dessa política de livre comércio”.

94 Testemunhas tailandesas também protestaram, prevendo que as conseqüências das sanções americanas reverteriam a diminuição do uso do cigarro, obtida pela campanha do governo contra o tabaco. Em resposta à alegação das companhias americanas que o seu tabaco era o melhor do mundo, uma testemunha tailandesa respondeu que “certamente nós também temos, no Triângulo do Ouro, alguns dos melhores produtos do mundo, mas nunca solicitamos que o princípio de livre comércio imperasse sobre tais produtos. Na verdade, nós os reprimimos”. Os críticos recordaram a Guerra do Ópio ocorrida há 150 anos, quando o governo britânico forçou a China a abrir suas portas ao ópio da Índia britânica, defendendo hipocritamente as virtudes do livre comércio, enquanto impunham forçosamente o vício da droga, em larga escala, na China.

Aqui temos o maior...  
Imagine a estridente mar...  
Unidos é líder mundial...  
certamente venderia jo...  
passou virtualmente des...  
indício das óbvias concl...

Outro aspecto d...  
também recebeu pouca...  
que os EUA desempen...  
de drogas, desde a Seg...  
aconteceu, em parte, q...  
tarefa pós-guerra de m...  
tornando o movimento...

Na França, a an...  
influência do movimen...  
foram tomadas medidas...  
às forças francesas, qu...  
antiga colônia do Vietn...  
CIA, então, decidiu enfr...  
trabalhista francês, com...  
sindicais norte-ameri...  
orgulhosos do seu papel...

A tarefa exigia fur...  
uma óbvia fornecedora...  
não aceitou o serviço a...  
uma recompensa por seu...  
a Máfia foi autorizada...  
heroína, que havia sid...  
fascistas – a famosa...  
dominou o comércio de...

Nesse período, o centro de comércio de drogas havia se transferido para a Indochina, especialmente para o Laos e para a Tailândia. A transferência foi novamente um subproduto da operação da CIA – a “guerra secreta” travada naqueles países, durante a Guerra do Vietnã, por um exército mercenário da CIA. Seus integrantes também queriam um pagamento por suas contribuições. Mais tarde, a CIA transferiu suas atividades para o Paquistão e para o Afeganistão, onde o comércio de tráfico de drogas floresceu.

A guerra clandestina contra a Nicarágua também deu uma injeção de energia nos braços dos traficantes de drogas da região, assim que os vôos ilegais da CIA, com armas para as forças mercenárias americanas, ofereceram uma forma tranqüila de transportar drogas de volta para os EUA, algumas vezes por intermédio até de bases da Força Aérea dos Estados Unidos, como informam os traficantes.

A estreita correlação entre o comércio de drogas e o terrorismo internacional (algumas vezes chamada de “contra-insurgência”, “conflito de baixa intensidade” ou algum outro eufemismo) não é nenhuma surpresa. As operações clandestinas necessitam de muito dinheiro, que deve ser lavado. E elas (as operações) precisam de criminosos eficientes. E por aí vai.

### 3. GUERRA É PAZ. LIBERDADE É IGNORÂNCIA É FORÇA.

Os termos do discurso têm dois significados. Um é o significado utilitário e o outro é o significado doutrinário.

Veja o termo *democracia* no seu significado comum, uma forma de governo que extensa parte do poder para o povo significativo, da direção para o sentido doutrinário de democracia refere ao sistema no qual os setores da comunidade são relacionados. O público é não “participante” como em democracias (neste caso explicado. Ao povo é permitido pelas autoridades superiores representantes deles, mas – como política pública –

Se segmentos do governo começarem a se organizar, isso não será democracia. *democracia* no exato uso ameaça que terá de ser substituída de maneira: em El Salvador aqui, nos EUA, por meio

Ou veja o termo *liberdade* refere ao subsídio público a intervenção governamental para o bem-estar para os ricos.

em seu uso corrente qualquer frase contendo a palavra “livre” signifique o oposto do seu sentido real.

Veja ainda o termo *defesa contra a agressão*, que é usado – previsivelmente – para se referir à agressão. Quando os EUA atacaram o Sul do Vietnã, no início dos anos 1960, o herói liberal Adlai Stevenson (entre outros) explicou que nós estávamos “defendendo o Vietnã do Sul contra a agressão interna”, isto é, a agressão dos camponeses sul vietnamitas contra a Força Aérea americana e o exército mercenário mantido pelos EUA, que os arrancava de suas casas para os campos de concentração, onde eles poderiam ser “protegidos” dos guerrilheiros do Sul. De fato, esses camponeses apoiavam com disposição os guerrilheiros, enquanto o regime apoiado pelos EUA era uma casca vazia, com o

98

que todos os lados concordavam. O sistema doutrinário executou tão eficientemente sua tarefa que até hoje, trinta anos depois, a idéia de que os EUA atacaram o Vietnã não é mencionável aqui e conforme tendência geral é até mesmo impensável. As questões essenciais da guerra estão, portanto, fora de uma possível discussão. Os guardiães do politicamente correto (o verdadeiro PC) devem estar bastante orgulhosos de seu feito, já que seria difícil repeti-lo, mesmo no mais bem controlado Estado totalitário.

Ou veja ainda o termo *processo de paz*, algum ingênuo poderá pensar que ele se refere aos esforços em busca da paz. Sob esse aspecto, poderíamos dizer que o processo de paz no Oriente Médio inclui, por exemplo, a oferta de um completo plano de paz feita a

Israel pelo presidente americano, em um acordo com posições do mundo inteiro, inclusive da comunidade judaica americana; a resolução da Assembleia Geral da ONU em janeiro de 1976, após negociações com os árabes, com o apoio da comunidade judaica entre os dois países e com o consenso internacional; a retirada de Israel do OLP, durante a década de 1970; a retirada de Israel um reconhecimento da Assembleia Geral da ONU em dezembro de 1990, a c omissão de Israel no direito internacional (por um acordo para solucionar o problema

Mas um entendimento desses esforços não faz sentido. O motivo é que, no sentido comum, refere-se àquilo que o Estado está fazendo, nos casos mencionados, os esforços internacionais não entram no processo. Os Estados não apoiaram Israel na rejeição da resolução do Conselho de Segurança, nas negociações e ao mútuo reconhecimento de Israel, e regularmente de fato vetando efetivamente qualquer avançar em direção a um acordo na ONU ou em qualquer outro fórum.

O processo de paz americano, que existiu determinado pelos EU

direitos nacionais palestinos. É assim que funciona. Aqueles que não podem dominar a fundo essas manobras devem procurar outra profissão.

Há muitos outros exemplos. Veja o termo *interesse especial*. Durante os anos 1980, o sistema bem lubrificado de Relações Públicas republicano acusou os democratas de serem um partido de interesses especiais: das mulheres, dos trabalhadores, dos velhos, dos jovens, dos agricultores, enfim, da população em geral. Havia apenas um seguimento da população nunca relacionado como de interesse especial: o das empresas e negócios em geral. Isso faz sentido. No discurso PC (politicamente correto), o interesse especial deles são os interesses nacionais, o qual todos devem reverenciar.

Os democratas protestaram, respondendo que eles *não* eram um partido de interesses especiais: eles serviam aos interesses nacionais também. O que estava correto, mas o problema deles tem sido a falta da clara consciência de classe de seus oponentes republicanos. Estes últimos não estão confusos acerca do papel de representantes dos donos e administradores da sociedade, os quais estão travando uma amarga luta de classe contra a população em geral – freqüentemente adotando conceitos de uma retórica marxista vulgar valendo-se da histeria chauvinista, do medo e pavor a grandes líderes e de outros mecanismos padronizados de controle da população. Os democratas são menos claros acerca de suas lealdades, logo menos eficazes na guerra de propaganda.

Finalmente, vejamos o termo *conservador*, que se refere aos defensores de um Estado poderoso, que

interfira enormemente. Eles defendem vultos medidas protecionistas, mercado de risco, restrições por intermédio da legislação, proteções, protegendo assim o inspeção de uma releitura programas são justamente conservadorismo. Sua lealdade são os donos da nação? "la", segundo as palavras de

Na verdade, isso é uma vez entendidas as

Para fazer sentido fazer uma contínua tradição o duplo sentido da acadêmicos e do sacerdote

Sua função não é o impossível achar palavras real significado humano podemos estar seguros sobre como funciona nos ocorrendo no mundo –

*democracia*, no sentido PC (

#### 4. A MÍDIA

Sejam chamadas "donas", as principais pertencentes e interligadas ainda. Como as outras produto para o mercado

tes, isto é, outras empresas. O produto é o público. É a elite da mídia que estabelece uma agenda básica, à qual as outras se adaptam. O produto é, portanto, um público relativamente privilegiado.

Assim, temos as grandes empresas vendendo um público razoavelmente rico e privilegiado a outras empresas. Obviamente o quadro apresentado reflete os valores e os interesses, estreitos e preconceituosos, dos vendedores, dos compradores e dos produtos.

Outros fatores reforçam a mesma distorção. Os dirigentes culturais (editores, colunistas importantes, etc.) compartilham interesses de classe e associações com os dirigentes do governo e das empresas, além de outros setores privilegiados. Há, na verdade, um fluxo regular de pessoal de alto nível entre empresas, governo e mídia. Para se ter acesso às autoridades estatais, é importante manter posições competitivas: “vazamento de informações”, por exemplo, são amiúde maquinações produzidas enganosamente por autoridades, em cooperação com a mídia, que finge nada saber.

Por sua vez, as autoridades estatais exigem cooperação e submissão. Outros centros de poder também têm dispositivos para punir o distanciamento da ortodoxia, abrangendo desde a bolsa de valores até um eficiente sistema de difamação e calúnia.

O resultado não é, logicamente, inteiramente uniforme. Para servir aos interesses dos poderosos, a mídia deve apresentar um quadro toleravelmente realista do mundo. Entretanto, às vezes a integridade e a honestidade profissional impedem a missão primordial. Os bons jornalistas geralmente são bem conscientes

dos fatores que caracterizam a mídia. Eles procuram usar as aberturas que se podem aprender a reconhecer com crítica e isenta, com aquecimento.

A mídia é apenas um doutrinário maior: as opiniões, as escolas e as academias, e assim por diante. A mídia, particularmente a imprensa, porque é nela que estão as análises críticas e as investigações, como é não tem sido e não será investigá-lo sistematicamente para acreditar que ele realmente os da mídia, como o

O sistema doutrinário chamamos “propaganda” alvos distintos: um do alvo é chamado de “classe” população relativamente articulada e que desempenha de decisões. Sua aceitação porque ela (a classe política) e implementar diretrizes

Em seguida, vêm Estes são “os espectros” Lippmann descreveu como existem supostamente pelo do caminho das pessoas verdadeiro alvo dos meios

os tablóides, as comédias familiares, a Super Taça e assim por diante.

Esses setores do sistema doutrinário servem para distrair a grande massa e reforçar os valores sociais básicos: a passividade, a submissão às autoridades, as predominantes virtudes da avateza e da ganância pessoal, a falta de consideração com os outros, o medo de inimigos reais e imaginários, etc. A finalidade é manter a já confusa borda mais confusa ainda. Não é necessário dizer para eles se aterem ao que está acontecendo no mundo. Na verdade, isso é até indesejável, pois se eles observarem demais a realidade, podem se decidir a transformá-la.

Isso não quer dizer que a mídia em geral não possa ser influenciada pela população. As instituições dominantes – sejam elas políticas, econômicas ou doutrinárias – não são imunes às pressões populares. A mídia independente (alternativa) pode também desempenhar um papel importante. Embora ela, até por definição, careça de recursos, tem a mesma importância que as organizações populares: ao reunir pessoas com recursos limitados, que podem multiplicar sua eficiência e sua própria compreensão, pela interação – esta é precisamente a ameaça democrática tão temida pelas elites dominantes.

## V - O FUTURO

### 1. AS COISAS MUDARAM

É importante reconhecer que o mundo mudou nestes últimos tempos. Há movimentos populares, a liberdade solta e caótica em torno dos direitos civis, a paz, o respeito por outros temas de interesse humano.

Veja os governos americanos e europeus, semelhantes em muitos aspectos aos compromissos básicos. Há uma enorme campanha terrorista após sua fracassada tentativa de invadir a Baía dos Porcos, em 1961. O medo de Estado assassino e de franca agressão, não há dúvida, que se notasse.

Só quando centenas de navios americanos foram enviados ao Vietnã sob um ataque devastador, com milhares de pessoas feridas e mortos, um pouco mais do que o esperado. Em contraste, tão logo o Vietnã que pretendia intervir de forma pacífica em protestos espontâneos, não foi suficiente para obrigá-lo a buscar outros meios.

Os líderes podiam dizer: “Síndrome do Vietnã”. O relatório sobre Política

administração Bush, que vazou na época do ataque terrestre ao Golfo, podia-se ler que “nos casos em que os EUA enfrentarem inimigos muito mais fracos” – os únicos com os quais o verdadeiro estadista concordará em lutar –, “nosso desafio não será simplesmente derrotá-los, mas derrotá-los de modo rápido e fulminante”. Qualquer outro resultado seria “embaraçoso” e poderia “minar o apoio político”, já percebido como bastante fraco.

Atualmente, a intervenção clássica não é mais considerada uma opção. Os métodos limitam-se ao terror clandestino, mantido oculto da população interna, ou à demolição “rápida e fulminante” de “inimigos muito mais fracos”, após uma enorme campanha de propaganda, expondo-os como monstros de poder indescritível.

O quadro é quase sempre o mesmo. Veja 1992. Se o quinto centenário do descobrimento de Colombo tivesse sido em 1962, teria havido uma grande comemoração pela libertação do continente. Em 1992, essa expectativa não pôde ser monopolizada, um fato que causou muita histeria entre os dirigentes culturais, que estão acostumados a um controle quase totalitário dos acontecimentos.

Eles agora gritam contra os “excessos fascistas” daqueles que estimulam o respeito pelos outros povos e outras culturas.

Em outras áreas também há mais abertura e entendimento, mais ceticismo e questionamento da autoridade. Logicamente, as últimas tendências são uma faca de dois gumes. Elas podem levar ao pensamento

independente, à organização de movimentos que necessárias por trazerem mudanças que podem fornecer uma alternativa não amedrontadas para novos caminhos. Os possíveis resultados não são conhecidos, mas para ação, e com eles.

## 2. O QUE SE PODE FAZER

Em qualquer país, o verdadeiro poder. Não é o poder nos EUA. Ele está nas mãos das pessoas que fazem os investimentos – o que é distribuído. Eles em geral escolhem quem escolhe os estrategistas do sistema doutrinário.

Uma das coisas é a população passiva e aquilo que se pode fazer para não ser passivo e aquilo que se pode fazer isso. Mesmo fazerem isso, possam surtir um efeito.

Manifestar-se, escutar as opiniões bastante significativas. Mas o ponto principal é

Se formos a um ponto voltarmos para a casa, já não poderemos conviver. O poder pode conviver com quem podem conviver é com quem mantém estruturada, com quem faz as coisas acontecerem.

continua aprendendo lições da última vez para agir melhor na próxima vez.

Qualquer sistema de poder, mesmo uma ditadura fascista, é sensível à dissidência da opinião pública. Isso também é verdadeiro num país como este, onde, felizmente, o Estado não tem muita força para coagir o povo. Durante a Guerra do Vietnã, a resistência direta à guerra foi bastante significativa, e esse foi um preço que o governo teve de pagar.

Se as eleições são algo em que parte da população comparece e aperta um botão a cada par de anos, eles não se incomodam. Mas se os cidadãos se organizam para cobrar uma posição e pressionar seus representantes a respeito disso, aí sim as eleições podem incomodar.

108

Os membros da Câmara dos Deputados podem ser muito mais facilmente influenciáveis que os senadores, e os senadores um pouco mais que o presidente, que normalmente é imune. Quando se chega a este nível, a política já é quase totalmente decidida pelos ricos e poderosos, que são os donos e os dirigentes da nação.

Mas as pessoas podem se organizar em um nível tal que possa influir em seus deputados. Podem trazê-los às suas casas para que os vizinhos gritem seus protestos, ou podem reunir-se nos gabinetes deles, ou o que melhor funcionar nessas circunstâncias. Isso pode fazer a diferença – frequentemente faz uma grande diferença.

Podê-se também fazer sua própria pesquisa. Não confie apenas na história convencional dos livros e

textos de ciência política, monografias de espionagem, segurança nacional e outros. A maioria das boas bibliotecas são de referências, onde há muitos documentos.

Isso requer um certo tipo de material é lixo descartável. Muitas vezes coisa inútil até encontrar o que fornecem indícios ou pistas. Muitas vezes encontrar-se-á referências secundárias; freqüentemente são úteis, mas sugerem lugares onde procurar.

Isso não é um trabalho intelectualmente difícil. Qualquer pessoa pode fazer isso. E o resultado dessa atividade é uma mentalidade das pessoas sempre uma atividade construtiva. trazer uma enorme mudança de transformar consciência e o entendimento, com uma abordagem construtiva.

## VI. A LUTA CONTINUA

A luta pela liberdade nunca termina. As pessoas do Terceiro Mundo necessitam de nossa compreensão solidária e, muito mais do que isso, elas necessitam de nossa ajuda. Podemos proporcionar-lhes uma margem de sobrevivência, por meio de uma dissidência interna nos Estados Unidos. Para eles serem bem-sucedidos contra qualquer tipo de brutalidade imposta por nós, depende muito do que acontece aqui.

A coragem que eles demonstram é bastante admirável. Eu tive pessoalmente o privilégio – e é um privilégio – de perceber de relance essa coragem, em primeira mão, no Sudeste Asiático, na América Central e na Cisjordânia ocupada. É uma experiência comovedora e inspiradora, e invariavelmente traz à minha mente as palavras de desprezo de Rousseau sobre os europeus, que abandonaram a liberdade e a justiça pela paz e pela tranquilidade que “eles desfrutavam em suas prisões”. E ele segue dizendo:

*Quando eu vejo multidões de selvagens inteiramente nus, zombando da insaciável volúpia européia e suportando a fome, o fogo, a espada e a morte para preservar apenas sua independência, eu sinto que não cabe a escravos raciocinar sobre a liberdade.*

Quem pensa que essas são meras palavras, entende muito pouco sobre o mundo.

Essa é apenas uma parte da tarefa que nos espera. Há um Terceiro Mundo crescendo em nossa porta. Há um verdadeiro sistema de autoridades

ilegítimas em cada canto político e social. Pela humanidade temos de proteger a proteção ambiental, que humana decente. Não sa e dedicado será suficiente diminuir tais problemas, entretanto, que a falta de desastre.